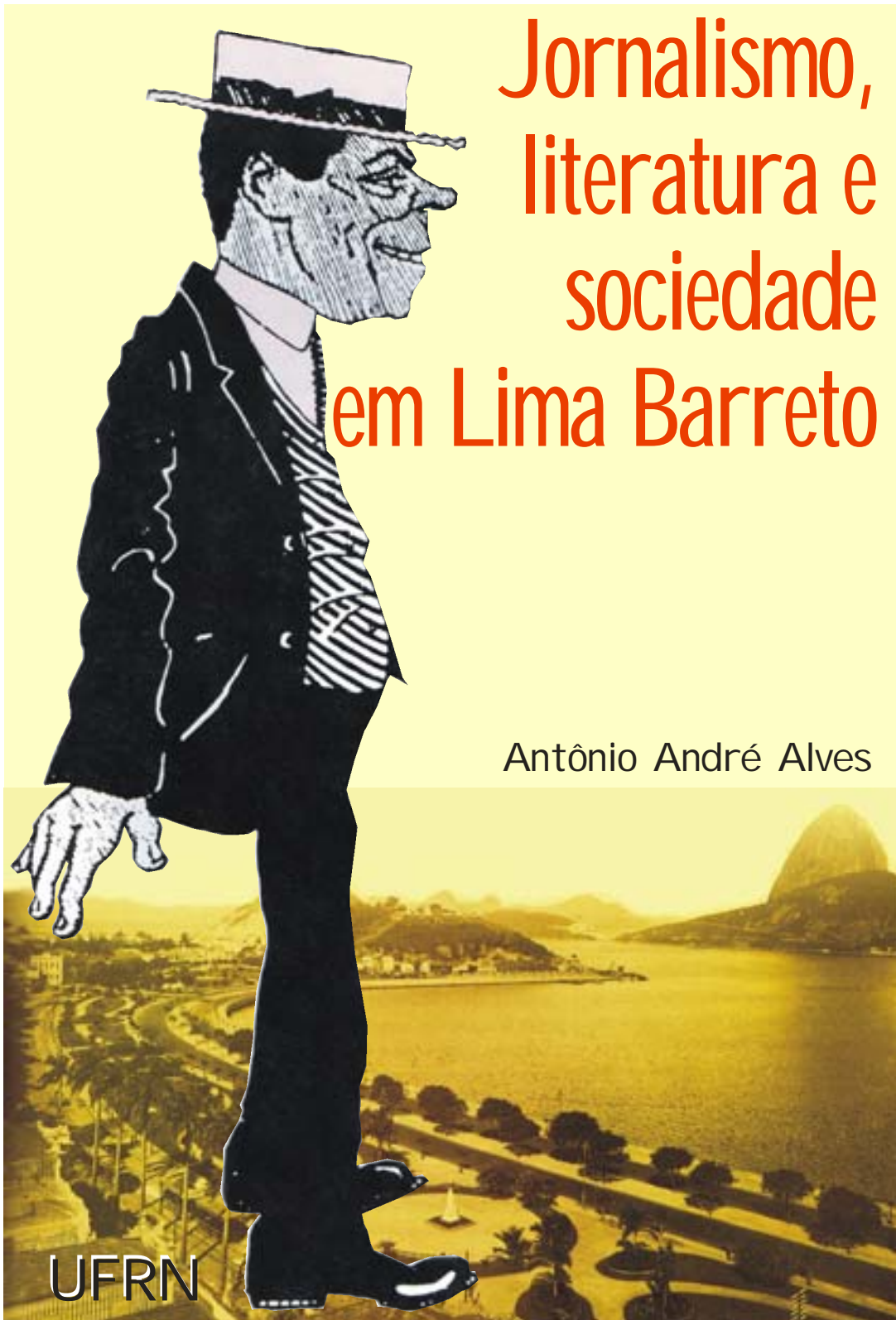


Jornalismo, literatura e sociedade em Lima Barreto

Antônio André Alves



UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JORNALISMO, LITERATURA E
SOCIEDADE EM LIMA BARRETO

ANTÔNIO ANDRÉ ALVES

UFRN
2007

ANTÔNIO ANDRÉ ALVES

JORNALISMO, LITERATURA E SOCIEDADE EM LIMA BARRETO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de Concentração Cultura e Representações, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas

UFRN
2007

ANTÔNIO ANDRÉ ALVES

JORNALISMO, LITERATURA E
SOCIEDADE EM LIMA BARRETO

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandro Galeno Araújo Dantas (UFRN)
Orientador

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho (PUC/SP)
Examinador Titular

Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior (UFRN)
Examinador Titular

Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida (UFRN)
Examinadora Suplente

Prof. Dr. Gustavo de Castro e Silva (UnB)
Examinador Suplente

NATAL
2007

La actividad creadora de la imaginación se encuentra en relación directa con la riqueza y la variedad de la experiencia acumulada por el hombre, porque esta experiencia es el material con el que erige sus edificios la fantasía. Cuanto más rica sea la experiencia humana, tanto mayor será el material del que dispone esa imaginación.

Lev Semenovich Vygotsky

Entre a loucura e a sabedoria não existe fronteira nítida.

Edgar Morin

Existe um parentesco profundo entre a arte de um lado, a filosofia e a ciência de outro.

Cornelius Castoriadis

A literatura deverá ser o fermento para desobstruir a imaginação jornalística e um meio de evitar que ela se transforme em mero exercício retórico do cotidiano.

Alex Galeno

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade.

Lima Barreto

A Dona Mocinha, farol cuja luminosidade tem possibilitado a constante busca de encontrar a rota que possa conduzir-me, com segurança, à minha Ítaca. Tantas são as velas, tantos são os ventos, tantos são os portos...

Agradecimentos

Agradecer é estender as mãos, deixar florescer um sorriso e, se alguma lágrima furtiva teimar em não se esconder, semeará pérolas pelo caminho. Cada uma dessas pérolas é oferecida a quem, de uma forma ou de outra, aplainou caminhos e iluminou horizontes, como o orientador deste trabalho, Prof. Dr. Alexandro Galeno, companheiro de jornada, combatente do bom combate. Pérola especial se destina, de bom grado, à Prof^a Dra. Conceição Almeida, pródiga em repartir o conhecimento com ternura e sabedoria. Duas pérolas são endereçadas a Lina Vieira e a Erivone, cuja mostra de solidariedade desvaneceu obstáculos que teimavam em atravancar minha jornada. Outra, levada por uma borboleta, servirá para envolver mais ainda todos os que fazem o Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN). Por fim, uma pérola, não apenas de agradecimento, mas imersa nas águas de um sentimento que perfuma o sem-fundo humano e mostra que viver vale a pena. Esta, com certeza, se abrigará num pedacinho do coração de Gerlúzia, mostrando o tecer em conjunto daquilo que nos une.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo abordar a relação entre jornalismo, literatura e sociedade em Lima Barreto, notadamente no romance Recordações do escrivão Isaías Caminha e em várias de suas crônicas, detectando a noção de superficialidade que esse autor vê na atividade jornalística, apesar de também dela retirar o seu sustento, e apontar que a literatura traz a particularidade de se apresentar como um laboratório vivo para as ciências sociais. Os elementos teórico-metodológicos utilizados traçam um corpus através de um processo interativo no qual camadas adicionais de textos do autor são submetidas à análise. Como suporte teórico é trabalhada a noção de magmas de significações sociais, idealizada por Cornelius Castoriadis.

Palavras-chave: Jornalismo. Literatura. Sociedade. Magma.

Abstract

This work has as objective approaches the relationship among journalism, literature and society in Lima Barreto, especially in fiction book *Recordações do escrivo Isaias Caminha* and in several of their chronicles, detecting the superficiality notion that author sees in the journalistic activity and to point that the literature brings the particularity of presenting as an alive laboratory for the social sciences. The used theoretical-methodological elements draw a corpus through an interactive process in which additional layers of the author's texts are submitted to the analysis. As theoretical support is worked the notion of magmas of social significances, idealized by Cornelius Castoriadis.

keywords: Journalism. Literature. Society. Magmas.

SUMÁRIO

ESTAÇÃO I - ITINERÁRIOS SUBURBANOS	12
ESTAÇÃO II - O PRISIONEIRO DAS TEIAS DA REPÚBLICA VELHA	25
ESTAÇÃO III - ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA	53
ESTAÇÃO IV - LIMA BARRETO E A REINVENÇÃO DO COTIDIANO	81
ESTAÇÃO V - CONVERSA COM LIMA BARRETO	103
GUIAS BIBLIOGRÁFICOS	114

Crônicas de Lima Barreto vistas neste trabalho

A amanuensa	37
A derrubada	91
A Maçã e a polícia	110
A matemática não falha	48
A polícia suburbana	93
A política republicana	107
A questão dos telefones	89
Ao Caio M. de Barros	102
Henrique Rocha	109
Herói	85
Histrião ou literato	102
Lei de imprensa	80
Leitura de jornais	97
Liga de Defesa Nacional	76
Literatura e política	70
O "muambeiro"	108
O cedro de Teresópolis	90
O Conselho Municipal e a arte	83
O meu conselho	102
O repórter e o júri	75
Os jornais dos estados	70
Os nossos jornais	75
Os próprios nacionais	36
Os uxoricidas e a sociedade brasileira	40
Padres e frades	101
Procurem a sua Josefina	107
Quem será afinal?	110
Quereis encontrar marido? - aprendei!.. ..	85
Sobre o maximalismo	37
Sobre o nosso teatro	106
Tenho esperança que... ..	98
Um conselho	84
Uma coisa puxa a outra	69
Uma surpresa da Exposição.	36
Vendo a Brigada Stegomya	107

Relação de Imagens

- Capa – Lima Barreto em 1919, por Hugo Pires. Extraída de: FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997.
- Capa – Rio de Janeiro: Avenida Beira-Mar, construída pelo prefeito Pereira Passos (período administrativo 1903-1906). Extraída de: BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 277
- Divisão das Estações – Caricatura autografada pelo irmão do escritor, Carlindo de Lima Barreto. Extraído de: BARRETO, Lima. Toda Crônica. Apresentação e notas Beatriz Resende, organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. [volumes I]. p. 56
- Imagem 1 – Lei Áurea. Extraída de: BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 219 27
- Imagem 2 – João Henriques, pai de Lima Barreto. Extraída de: FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997. 29
- Imagem 3 – Amália Augusta, mãe de Lima Barreto. Extraída de: FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997. 31
- Imagem 4 – Impressora Alauzet. Extraída de: http://tribunadonorte.net/fotos/historia_imprensa.jpg 43
- Imagem 5 – Rotativa Marinoni. Extraída de: http://www.clg-neruda-bretigny.ac-versailles.fr/pages/environnement_infos_college/sortie_museeartmetiers.htm 44
- Imagem 6 – Vila Quilombo, casa de Lima Barreto. Extraído de: BARRETO, Lima. Toda Crônica. Apresentação e notas Beatriz Resende, organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. [volumes I]. p. 44 46
- Imagem 7 – Foto de Lima Barreto no Livro de registro de entrada de pacientes do Hospício Nacional (26.12.1919). Acervo do Museu da Memória Psiquiátrica, Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Extraído de: BARRETO, Lima. Toda Crônica. Apresentação e notas Beatriz Resende, organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. [volumes II]. p. 6 59
- Imagem 8 – Foto de Lima Barreto. Extraída de: FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997. 101
- Imagem 9 – Café Java. Extraída de: FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997. 105

Estação I
Itinerários Suburbanos



Tenho o desejo infinito de conhecimento
e o desejo imperativo de verdade.
Edgar Morin

É preciso compartilhar a palavra, porque a palavra compartilhada é um país e uma memória. Compartilhar a palavra é fazer literatura. Também é fazer jornalismo. Jornalismo e literatura, desde que andam juntos, ora se fundindo, ora se distanciando, não mais conseguimos sobreviver na ausência desses dois ramos da palavra, porque vivemos entre palavras e elas nos conduzem na via-sacra da existência, nos fazem ajoelhar diante do que pensamos e do que outros podem pensar. Da mesma forma que um galo¹ lança o canto, recolhido por outro galo, que o lança a outro, e este outro a mais outro, as palavras trazem a possibilidade de traduzir a nossa imaginação, de ser passaporte a um mergulho no oceano do imaginário. Nesse mundo, vasto mundo, os que lutam são imprescindíveis porque riem, choram, se angustiam, se enternecem... enfim, amam e, talvez por isso, atravessam o Rubicom que separa a razão da loucura – ou a loucura da razão. Lima Barreto foi um desses. Escritor. Jornalista. Homem de imaginação e de ação, cujo olhar sobre a sociedade universaliza, à maneira dos grandes escritores, o fazer literário. Fez literatura. Fez jornalismo. A loucura jogou-o no redemoinho da aposentadoria por invalidez, mas não impediu que também haurisse poucos recursos originados do fazer literário e outros poucos da atividade jornalística. Literatura e jornalismo se misturam em seus escritos, embora nem sempre de forma harmoniosa. Lima Barreto deplora a superficialidade do jornalismo, a estreiteza intelectual de muitos jornalistas. É homem cujo fazer literário e cuja pena jornalística o transformaram numa das mais fascinantes personagens da intelectualidade brasileira do início do Século XX. É um cartógrafo do imaginário, expressão idealizada por Juremir Machado da Silva para qualificar escritores e

¹ NETO, João Cabral de Melo. Tecendo a manhã. In: O melhor da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984. p. 33

jornalistas. O ser humano é movido pelos imaginários que engendra², escreve Juremir. Conseqüentemente, todo imaginário é uma narrativa³. Jornalistas, romancistas e cronistas têm a narrativa entre suas ferramentas, estão, por isso, no seletivo grupo que reúne os melhores cartógrafos do imaginário⁴.

O imaginário é algo que não tem fundo e que é humano, demasiado humano. É um sem-fundo humano, termo que se faz presente no pensamento do filósofo grego Cornelius Castoriadis, retomado por Castor Bartolomé Ruiz⁵ para designar a riqueza do imaginário, cuja característica essencial é a criação. O imaginário é algo presente na realidade do escritor; a sociedade com a qual lida o jornalista é instituída imaginariamente.

Cartógrafo do imaginário, Lima Barreto aponta seu olhar sobre a sociedade e sua pena também cartografa regiões formadas por imensos continentes imaginais e habitadas pelas famílias dos que pensam e representam, perigosamente, a vida e as idéias⁶. As implicações desses continentes imaginais estão presentes neste trabalho. Farto material se oferece, saído principalmente de obras como Recordações do escrivão Isaías Caminha e também de várias de suas crônicas, notadamente 35 delas, as quais universalizam tópicos que dizem respeito não apenas ao carioca ou aos brasileiros do início do Século XX, mas também às inquietações nossas de cada dia, principalmente as que tratam da superficialidade no jornalismo. As crônicas de Lima Barreto estão reunidas em dois alentados volumes, organizados pelas pesquisadoras Beatriz Resende e Rachel Valença⁷. Trata-se de valioso material de pesquisa, o qual é utilizado com a prodigalidade necessária neste trabalho. As crônicas tratam de assuntos ligados à imprensa, à literatura, à sociedade e à realidade sócio-econômica vivida

² SILVA, Juremir Machado da. Tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 7

³ I dem, p. 8

⁴ I bidem, p. 51.

⁵ RUIZ, Castor Bartolomé. Paradoxos do imaginário. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2003. p. 23

⁶ GALENO, Alex. Antonin Artaud: a revolta de um anjo terrível. Porto Alegre: Sulina, 2005.

⁷ BARRETO, Lima. Toda crônica. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2 volumes

por Lima Barreto, estampam variados magmas de significações sociais. Jornalismo e literatura estão intrinsecamente ligados em sua obra e sua vida. Além de ganha-pão, integram sua razão de viver. Por isso geram inquietações que jogam nesse torvelinho de buscas a necessidade da realização de um estudo acerca da literatura, do jornalismo e da sociedade em Lima Barreto, enfatizando o brilho e a rapidez do pensamento para se entender melhor os mecanismos que fazem uma sociedade se movimentar. Ninguém melhor do que ele, obrigado que é pelas circunstâncias a vivenciar a realidade das redações, meio no qual se vive de pequenas invejas e rancores, de censuras farisaicas e virtudes tartufescas⁸. Necessário lembrar que Lima Barreto é um homem que conhece apenas a imprensa em sua forma gráfica, não tem acesso ao conhecimento do lead – a conhecida pirâmide invertida, caracterizada pela fórmula dos cinco W e um H (Where/Onde, When/Quando, What/O que, Who/Quem, Why/Por quê? e How/Como), idealizada pelos americanos e acatada por grande parte dos jornalistas ocidentais. O que diria Lima Barreto a respeito do lead e da atual pasteurização da notícia, elementos que prendem o profissional de imprensa e o jogam, mais ainda, no poço da superficialidade? Não conhece o lead e também ignora o rádio e a televisão, veículos nos quais o jornalismo está presente. No caso do rádio, a primeira transmissão radiofônica brasileira ocorre em 7 de setembro de 1922, como informa Sérgio Cabral⁹. Naquela transmissão foram utilizados oitenta aparelhos receptores instalados na Exposição do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro, e também em praças públicas de Niterói, São Paulo e Petrópolis. Foram transmitidos o discurso do presidente Epitácio Pessoa e algumas óperas apresentadas no Teatro Municipal e no Teatro Lírico. Lima Barreto morre em 1º de novembro desse mesmo ano. Se escutou a transmissão, não há registro em suas crônicas. Também não vive tempo suficiente

⁸ Sobre o maximalismo. Toda crônica. Vol. I. p. 462

⁹ A MPB na era do rádio. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996. p. 9

para conhecer e fazer uma análise do rádio e, mesmo se fizesse, não teria material suficiente porque o jornalismo radiofônico em seus primeiros anos se resume na leitura dos jornais escritos. A notícia é recortada, colada numa folha de papel e lida por um locutor, o que faz do rádio mero apêndice ou coadjuvante do jornal. Algumas vezes o responsável pelo recorte da notícia nem se dá ao trabalho de lê-la, o que faz o locutor cometer várias gafes, lendo pérolas como continua na página 5, leia mais na página 8 e muitas outras.

Lima Barreto é um homem que compartilha a palavra, divide seu conhecimento, socializa suas opiniões, não teme repartir sua visão de mundo. Missivista pródigo, chega a trocar correspondências com quatro norte-rio-grandenses, entre tantos brasileiros com quem troca idéias através de cartas. Em sua coluna no Jornal Tribuna do Norte, periódico existente em Natal (RN), o jornalista Woden Madruga informa haver consultado o volume de nº 105 dos Anais da Biblioteca Nacional, do ano de 1985, no qual se encontra boa parte do arquivo do escritor¹⁰. É nesse volume que estão contidos os nomes dos quatro missivistas potiguares. Dois são políticos, Georgino Avelino e Dioclécio Dantas Duarte. O terceiro é o escritor Jaime Adour da Câmara, e o quarto o historiador Tobias Monteiro do Rego. Woden Madruga relata que nessas correspondências, as quais compreendem o período de 1916 a 1921, é tratada vasta gama de temas, como idéia de pátria, formação de nacionalidade, ceticismo, fé, ciência e literatura, assuntos também abordados em crônicas elaboradas por Lima Barreto.

O jornal faz parte da vida de Lima Barreto, ao escrever matérias e depois crônicas e artigos. Trata-se de rico material para se analisar magmas de significações que marcam a ligação jornalismo-literatura tanto acerca da sociedade carioca quanto da brasileira do final do Império e início da República, mostrando que o jornalismo, apesar de também se constituir em meio de

¹⁰ MADRUGA, Woden. O arquivo de Lima Barreto. In: JORNAL TRIBUNA DO NORTE, 29/10/2006. Natal: Tribuna do Norte, 2006. p. 2

sobrevivência do escritor, é visto como algo superficial. Lima Barreto utiliza personagens que formam um retrato dessa sociedade, principalmente aquelas pessoas obrigadas a desempenhar as mais simplórias funções e habitar os subúrbios, com seus cortiços e favelas. Também desfilam nesse cenário funcionários públicos, políticos e seus cabos eleitorais, jornalistas e tantas outras personagens urbanas.

Lima Barreto desperta interesse exatamente por nos mostrar, através de sua obra, que jornalismo e literatura se entrecruzam, permitindo que a natureza criadora do imaginário produza um leque indefinido de representações por meio das quais a pessoa e a sociedade se inserem no mundo e o transformam¹¹. Por tratar-se de literatura de elevado quilate, a obra de Lima Barreto também traz a particularidade de ser uma espécie de laboratório vivo para as ciências sociais, ao apresentar a sociedade em suas mais variadas manifestações. Uma obra literária não traz apenas o amálgama das impressões de seu autor, mas da sociedade em que ele vive e conta, à sua maneira, as vivências dos que fazem essa sociedade.

Vivências que se tornam apanágio daqueles que procuram discernimento a respeito dos homens e suas buscas na compreensão do mundo que os abarca, mundo no qual se misturam a precisão do cientista, o cotidiano do jornalista e a perenidade do jogo de palavras manipulado pelo escritor. Edgar Morin ressalta a existência de três culturas: Podemos chamar à primeira cultura humanista, à segunda cultura científica e à terceira cultura de massa¹². Na cultura humanista há tentativas de síntese e reflexão sobre os grandes problemas humanos. Trata-se de uma cultura ensaísta. Na cultura científica, o conhecimento se estrutura através das teorias lógico-matemáticas, ao passo que na cultura de massa a quantidade de informações tem crescimento constante e desordenado. Na

¹¹ RUI Z, Castor Bartolomé. Obra citada. p. 45

¹² Sociologia: a sociologia do microssocial ao macropianetário. Tradução Maria Gabriela de Bragança, Maria da Conceição Coelho. Portugal: Publicações Europa-América, 1998. p. 122

cultura de massa, escreve Morin, cada dia uma nova nuvem empurra a nuvem do dia anterior¹³. Tanto o jornalista quanto o escritor podem ser envolvidos por essas três culturas.

O dia-a-dia de uma sociedade pode, então, se fazer límpido, cristalino, sob a pena do grande escritor, porque sua matéria-prima é o que se desenrola sob o seu olhar, suas impressões, suas aspirações. Quem não sente o farfalhar dos vestidos das mulheres retratadas por Balzac? A expectativa do jogador diante de uma roleta, descrita por Dostoievski? As angústias e esperanças dos operários que povoam *Germinal*, de Émile Zola? Com Lima Barreto nos indignamos com a postura servil de determinados jornalistas, sentimos as agruras de quem vive no subúrbio de uma grande cidade e as imposições do preconceito racial. Um cortejo fúnebre, acompanhando o caixão de um pobre que passa numa rua de periferia com calçamento precário e se destinando a um cemitério que só recebe defuntos sem vintém, é uma mostra do laboratório vivo que interessa às ciências sociais. Essa é uma característica da literatura, a de proporcionar meios para se decifrar os enigmas que saem, aos borbotões, das esfinges que povoam cidades e campos.

A literatura desperta interesse, sim, às ciências sociais. Wolf Lepenies conta que Marx e Engels afirmam ter aprendido mais com Balzac do que com todos os historiadores e economistas profissionais.¹⁴ Balzac ajuda Taine a compreender o que as ciências sociais podem e não podem fazer, escreve Lepenies.¹⁵ Lukács reforça essa afirmação de Lepenies. Primeiro, pela honestidade balzaquiana em trazer nos seus livros a realidade imposta pelo modo de produção capitalista, no qual a sociedade e seus integrantes são arrolados. Trata-se, escreve Lukács referindo-se ao respeito que Marx e Engels nutriam

¹³ Idem. p. 123

¹⁴ As três culturas. Tradução Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996. p. 15

¹⁵ LEPENIES. Obra citada. p. 15

pela obra de Balzac, antes de mais nada, daquela honestidade estética incorruptível, isenta de qualquer vaidade, própria dos escritores e artistas verdadeiramente grandes¹⁶. Lembrando a condição de Balzac, de monarquista convicto, complementa Lukács:

(...) a realidade, tal como ela é e tal como ela se manifesta na sua essência (...) está acima de todos os seus desejos pessoais mais caros e mais íntimos. A honestidade do grande artista consiste precisamente no fato de que, quando a evolução de um personagem entra em contradição com as concepções e ilusões por amor das quais ele se engendrara na fantasia do escritor, este o deixa desenvolver-se livremente até as últimas conseqüências, e não se incomoda com a anulação das suas mais profundas convicções pela contradição em que ficam face à autêntica e profunda dialética da realidade.¹⁷

Literatura e prática científica caminham, aparentemente, dissociadas. A vida intelectual de toda a sociedade ocidental está cada vez mais dividida entre dois grupos polares, sintetiza C. P. Snow¹⁸. Num pólo estão os cientistas e no outro, os literatos. Snow lamenta esse fracionamento:

Os sentimentos de um pólo tornam-se os anti-sentimentos de outro.

Essa polarização é pura perda para todos nós. Para nós como pessoas, e para a nossa sociedade. É ao mesmo tempo perda prática, perda intelectual e perda criativa.¹⁹

¹⁶ LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. Tradução Leandro Konder. In: Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 37

¹⁷ LUKÁCS. Obra citada. p. 37

¹⁸ As duas culturas e uma segunda leitura. Tradução Geraldo Gerson de Souza, Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Edusp, 1995. p. 20

¹⁹ SNOW. Obra citada. p. 29

Uma polarização lamentável, porque a literatura nos revela, como aponta Edgar Morin. Em toda grande obra, ensina esse pensador, há um pensamento profundo sobre a condição humana²⁰. Logo, as obras da literatura universal são capazes de exprimir o que se traduz no âmago do ser humano e se concretiza no mecanismo que faz movimentar uma sociedade. Compreender melhor, essa é a chave que a literatura nos oferece. Vejamos: pode até ser – para alguns – dificultoso entender a sociedade burguesa européia do Século XIX, se apenas consultados os vetustos tratados sociológicos. Porém, esse entendimento pode ser prazeroso lendo-se as obras de Balzac e Stendhal. Pode-se chegar à idêntica conclusão acerca da vida carioca também do Século XIX, se vivenciarmos os amores, desamores e tramas político-econômicas de Bentinho, Brás Cubas, o conselheiro Aires e Quincas Borba, personagens que se movimentam através da pena de Machado de Assis. Também se pode fazer semelhante afirmação quando estudada a obra de José Lins do Rego, para compreendermos a sociedade dos coronéis nordestinos e a economia que se movimenta com a cana-de-açúcar no Nordeste brasileiro. Ou então, partindo desse mesmo José Lins do Rego, apreender acerca do messianismo religioso ou do cangaço nordestinos, tão bem descritos em Pedra Bonita e Cangaceiros. Assim é a literatura. Não é preciso que nos estendamos acerca dos exemplos e do que pode corroborá-los, nesse entrecruzamento literatura/sociedade, um entrecruzamento que também se fortalece com a presença do jornalismo, essa atividade que, mesmo vilipendiada algumas vezes, se tornou de grande importância no cotidiano da humanidade. Fazer literatura é fazer arte, por isso é preciso

entender a vida como uma obra de arte, a ser simultaneamente recuperada pelo imaginário e fabricada pelas materialidades. Viver a vida como obra de arte

²⁰ A cabeça bem-feita: repensar a reforma, repensar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 45

implica religar radicalmente as ordens natural e artificial, em assumir a indissociabilidade do visível e do invisível.²¹

O escritor-jornalista perpassa, desta forma, a sociedade, cartografando-a. Só que esse cartografar não é feito sem conflitos, tanto de foro íntimo quanto profissional. Enquanto o escritor pode, se quiser, abusar da imaginação, o jornalista está preso à forma de como divulgar melhor o fato noticioso. Necessita, como ensinam os manuais de jornalismo, usar frases breves, palavras curtas, ter preferência pelo vocabulário usual, estilo direto e usar adjetivos apenas se for necessário²². Isto é o que determinam os modernos manuais de jornalismo. O fazer jornalístico vivido por Lima Barreto – antes por Balzac e Maupassant – é o do floreio das palavras, da prolixidade, do nariz-de-cera que tão bem marcam o jornalismo brasileiro das primeiras décadas do Século XX.

Fala-se, neste trabalho, de jornalismo, literatura e sociedade em Lima Barreto, utilizando-se ferramentas teóricas forjadas por pensadores como Cornelius Castoriadis, Antonio Candido e Edgar Morin. Pensadores que mostram que as grandes obras literárias não se referem apenas ao homem e à sua própria vida, mas à universalidade do homem, àquilo que também o faz um ser imerso na completude da cultura, porque indivíduo, sociedade, cosmo encontram-se mutuamente implicados na totalidade da natureza, aqui entendida como a totalidade inatingível da vida²³. Isto nos possibilita extrair do fazer literário-jornalístico de Lima Barreto um magma de significações, algo que nos permita percorrer essas significações e verificar nelas uma identidade e um sentido. Castoriadis define magma como algo de onde é capaz de se retirar, ou mesmo construir, organizações conjuntistas em número indefinido, mas que não pode

²¹ CARVALHO, Edgard de Assis. *Enigmas da cultura*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 50

²² AMARAL, Luís. *Jornalismo: matéria de primeira página*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE, 1982. p. 49

²³ CARVALHO. *Obra citada*. p. 101

jamais ser reconstituído (idealmente) por composição conjuntista (finita ou infinita) destas organizações²⁴. Um magma envolve todas as significações de nossa vida, de nossa língua, ou seja, tudo o que pode efetivamente ser dado – representação, natureza, significação – é o modo de ser do magma²⁵. Portanto, um magma está ligado à coexistência de fragmentos de múltiplas organizações lógicas e sua organização é aplicada tanto à psique quanto nas formas da imaginação radical se expressar²⁶. Para extrair sua noção de magma, Castoriadis também recorre à matemática, principalmente na seara dos conjuntos. Uma frase contida numa carta de Cantor a Dedekind, com data de 28 de julho de 1899, chama a atenção de Castoriadis, para ele surpreendente e importante: Toda multiplicidade é ou uma multiplicidade inconsistente ou um conjunto²⁷. Essas multiplicidades chamam a atenção do filósofo a partir do momento em que se apercebe da importância daquilo que denomina de imaginário radical.

A constatação de que o psiquismo humano não pode ser “explicado” por fatores biológicos, nem considerado como um autômato lógico ainda que muito rico e complexo; e também, sobretudo, de que a sociedade não pode ser reduzida a determinações racionais-funcionais quaisquer que sejam (...) indicava que era preciso pensar de maneira diferente, para poder compreender a natureza e o modo de ser específico desses domínios, o psíquico de um lado, o social-histórico de outro.²⁸

O social-histórico, no dizer de Castoriadis, é algo que integra os domínios do homem, é uma criação humana. Nele está explícito que psique e sociedade são

²⁴ CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 388

²⁵ CASTORIADIS. Obra citada, p. 389

²⁶ FRANCO, Yago. Magma: Cornelius Castoriadis – psicoanálisis, filosofia, política. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003. p. 11

²⁷ CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem. Tradução José Oscar de Almeida Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 407

²⁸ CASTORIADIS. Obra citada, p. 408

indissociáveis, apontando, conseqüentemente, que a história e a sociedade também são inseparáveis e, desta forma, trazem magmas que constituem significações sociais. Para Castoriadis, a psique, ao socializar-se, incorpora o magma de significações imaginárias sociais, afirmação que traz sérias implicações no estudo da sociedade, porque esta, como afirma o pensamento castoriadiano, sobrevive graças a essa incorporação. A psique seria, portanto, também um magma de representações, desejos e afetos, elementos que constituem a matéria-prima utilizada pelo escritor em suas buscas de expressar a condição humana e, conseqüentemente, cartografar a literatura universal. Captar, enfim, realidades. Ao analisarmos o momento histórico vivido por Lima Barreto, através de seus escritos, podemos perceber ou mesmo sentir a realidade vivida por ele, com suas ligações entre literatura, jornalismo e sociedade.

Estudioso das ligações entre sociedade e literatura, Antonio Candido nos mostra como essas duas ramificações da cultura se entrelaçam e, com base em Castoriadis, podemos afirmar que se a sociedade é instituída de forma imaginária, a literatura é vasto campo de expressão do simbólico. Toda sociedade que se institui leva em conta o trabalho das significações imaginárias na sua função de sancionar a realidade que os seres humanos são capazes de construir. Se fazemos o simbólico emergir, lembramos que para Castoriadis tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico²⁹. Nesse palco desfilam os atos humanos, tanto individuais quanto coletivos, indispensáveis à sobrevivência de qualquer sociedade, como o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, o nascer e o morrer. Tudo isso é tratado pela literatura, a qual desempenha um papel fundamental, no dizer de Morin³⁰. O ser humano sempre foi concebido de modo mutilado, continua Morin, acrescentando: Diz-se homo sapiens, dotado de razão, mas o homem é também delirante.

²⁹ CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Obra citada. p. 142

³⁰ MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (orgs.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Castoriadis adorava dizer que o homem é este animal louco, cuja loucura criou a razão³¹. Lima Barreto também é um animal louco, cuja loucura talvez crie a razão.

Ao falarmos sobre literatura, jornalismo e sociedade em Lima Barreto, percebemos que o olhar atento do escritor/jornalista se movimenta como se estivéssemos num trem que liga o subúrbio ao centro da cidade, itinerário percorrido sem grande pressa. São feitas paradas em algumas estações, nas quais tomamos um gole de café da mesma forma que Isaías Caminha em sua primeira viagem ao Rio de Janeiro. Estamos na Primeira Estação, início do nosso trajeto. Na próxima Estação, a Segunda, discorre-se acerca de um Prisioneiro da República Velha, na qual o protagonista será Lima Barreto, sua obra e seu tempo. Na Terceira Estação se enfatiza a ligação Entre o jornalismo e a literatura, abordando-se a visão de Lima Barreto sobre o jornalismo e suas ligações com as de autores como Balzac e Maupassant. Trata-se então de um (des)encanto da prática jornalística na literatura. Mais na frente, na Quarta Estação, trata-se de Lima Barreto e a reinvenção do cotidiano, comprovando-se que a literatura também é uma espécie de laboratório vivo para as ciências sociais. Conversa com Lima Barreto, a Quinta Estação, é uma entrevista imaginária cujas respostas são retiradas de sua obra.

Tomemos assento neste trem suburbano.

³¹ MORIN, Edgar. *Idem*. p. 91

Estação II
O prisioneiro das teias da República Velha



Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever este grito de angústia,
e eu posso berrar este grito de angústia,
quer ouvir?
"Sou um negro, Senhor, sou um... negro!"
Oswaldo de Camargo

Pergunte ao criador
Quem pintou esta aquarela.
Livre do açoite da senzala
Preso na miséria da favela.
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho
Samba-enredo da Mangueira - 1988

Uma mulher de cabelos louros e sorriso de fada madrinha, como aquelas dos contos de fadas, causou profundo alumbramento num menino de sete anos. A partir de então, durante sua vida, que durou pouco mais de 43 anos, o menino nunca esqueceria aquele sorriso e a importância daquele momento, no qual a mulher protagonizara um dos atos mais ternos e, sobremaneira, mais eloqüentes da história do Brasil. Também não esqueceria os fogos de artifício festejando a data, a missa campal em São Cristóvão e os desfiles estudantis¹. O menino se chamava Afonso Henriques de Lima Barreto, havia perdido a mãe Amália Augusta Barreto, no ano anterior, e a mulher era, nada mais nada menos, do que a Princesa Isabel, que exercia a função de regente imperial em substituição ao imperador Pedro II, em viagem à Europa. Era 13 de maio de 1888 (data natalícia de Lima Barreto, nascido em 1881, numa sexta-feira), dia da assinatura da Lei Áurea, a lei da abolição da escravatura, espécie de carta de alforria generalizada, talvez a lei de redação mais concisa da história brasileira, com apenas dois artigos. O primeiro artigo dizia o seguinte: É declarada extinta a escravidão no Brasil; ao passo que o segundo artigo completava: Revogam-se as disposições em

¹ BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 11.

contrário². O Largo do Paço, nas proximidades do Palácio Imperial no Rio de Janeiro, estava apinhado, a data era o coroamento das aspirações de homens como José do Patrocínio e Luiz Gama, ambos com sangue africano correndo fortemente em suas veias. O Brasil se libertava, finalmente, da escravidão oficializada, garantida por lei, e formalizava uma tentativa de sepultar o estigma causado pela ignomínia do cativo, com seus preconceitos e discriminações. Em três séculos de escravidão o país recebera mais de 4,5 milhões de escravos e, na data da assinatura da Lei Áurea, eram mais de 700 mil cativos existentes oficialmente em todo o território nacional³. Por lei a escravidão estava sepultada, todos os brasileiros se tornavam, a partir de então, iguais em seus



direitos (é claro que, excetuando mulheres e analfabetos, sem direito a voto). Só que a realidade ultrapassava – como ainda ultrapassa – os ditames da legislação e a indiferença às determinações legais continuava acentuada, como se alguns rabiscos pudessem sepultar, à guisa de decreto, o status quo de uma população.

Imagem 1 - A Lei Áurea acabou com a escravidão oficializada, porém a discriminação e o preconceito contra os negros continuam até hoje.

Mesmo com a abolição, na vida prática a cor da pele reverberava de forma atroz sobre os arcanos da condição humana, diferenciando as pessoas e legando-

² BUENO, Eduardo. Brasil: uma história – A incrível saga de um país. São Paulo: Ática, 2003. p. 218.

³ BUENO, obra citada.

lhes os benefícios do paraíso ou as torpezas infernais. A falta de condições adequadas ao aprimoramento profissional e intelectual jogou os recém-libertos numa espécie de abismo sócio-econômico. Analfabetos e desprovidos de conhecimentos técnicos que possibilitassem seu aproveitamento em atividades urbanas, levadas e mais levadas de antigos escravos foram aliadas de seu trabalho nas fazendas e enxotadas para as grandes cidades, como o Rio de Janeiro e Salvador. O Rio de Janeiro, então capital brasileira, viu seus morros serem povoados por ex-cativos e suas famílias, trocando a miséria das senzalas pela não menos deprimente precariedade das favelas. Assim descreve o historiador Eduardo Bueno a situação dos ex-escravos:

O Brasil imperial - e, logo a seguir, o jovem Brasil republicano - negou-lhes a posse de qualquer pedaço de terra para viver ou cultivar, de escolas, de assistência social, de hospitais. Deu-lhes, só e sobejamente, discriminação e repressão.⁴

Da assinatura da Lei Áurea à proclamação da República houve um intervalo de pouco mais de um ano. Do início da República Lima Barreto não teria boas recordações. Seu Pai, João Henriques de Lima Barreto (filho do português Henrique de Lima Barreto, com uma negra), perdera o emprego na Tipografia Nacional exatamente no dia 15 de novembro de 1889. Tipógrafo experiente e dotado de uma capacidade intelectual que lhe permitiu até mesmo realizar a tradução de uma obra técnica, o Manual do aprendiz compositor, de Jules Claye, João Henriques fizera as honras da casa ao imperador Pedro II quando este, já nos estertores da monarquia, chegara a fazer uma visita à Tipografia Nacional, instituição na qual o pai do futuro escritor exercia a função de mestre de composição. João Henriques contava com a proteção de um importante

⁴ BUENO, op. cit. p. 228

monarquista, o Visconde de Ouro Preto, com quem também mantinha relações de compadrio. Instituída a República, decaído o prestígio do compadre e perdido o emprego na Tipografia Nacional, João Henriques passou bom tempo desempregado até obter a colocação de almoxarife da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, para onde se mudou com a família em 1893⁵. Foi nesse local que Lima Barreto passou boa parte da adolescência, vivendo numa casa com telhado quatro águas e porta de entrada cercada por seis largas janelas, sendo três de cada lado. A pintura da casa, que um dia fora branca, estava encardida.



Uma única árvore se localizava nas proximidades de uma janela lateral, enquanto, mais distante, várias outras árvores cercavam o imóvel como para protegê-lo ou mesmo sufocá-lo. Em algumas de suas crônicas, elaboradas anos mais tarde, o escritor falaria com certa saudade dos tempos vividos na Ilha do Governador.

Imagem 2 - João Henriques procurou dar uma esmerada educação ao filho Lima Barreto

João Henriques não poupou esforços para dar uma boa educação ao filho e, até o final da adolescência, seus estudos foram regulares. Concluídos os exames preparatórios para ingressar na Escola Politécnica, onde cursaria engenharia, Lima Barreto foi aluno do filósofo positivista Teixeira Mendes, que abrira a primeira escola de Filosofia do país e ministrava um ensino enciclopédico destinado a alunos de catorze a vinte e um anos⁶. Mesmo absorvendo as idéias de um seguidor de Auguste Comte, Lima Barreto não chegou a se tornar positivista. Ao contrário, tempos depois, estudante da Escola Politécnica, iria aderir a uma

⁵ BARRETO, Lima. Toda crônica. Apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. Volume I, p. 42.

⁶ BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. p. 8

reação contra o comtismo. Tivera um colega de nome José Oiticica, um dos maiores anarquistas da história brasileira, e gostava de ouvir um talentoso professor de Latim, Vicente de Sousa, fundador da Federação Operária e entusiasta das idéias apregoadas pelo socialismo. Lima Barreto nunca se deixara levar por nenhuma ortodoxia, nem a positivista e nem a anarquista. Anos mais tarde aplaudiria entusiasticamente a Revolução Russa de 1917:

(...) os nossos sabichões não têm nem uma espécie de argumento para contrapor aos apresentados pelos que têm meditado sobre as questões sociais e vêem na revolução russa uma das mais originais e profundas que se tem verificado nas sociedades humanas. Os doutores da burguesia limitam-se a acoimar Lenin, Trotski e seus companheiros de vendidos aos alemães.⁷

Numa coisa o positivismo exerceu importante papel na vida do futuro escritor, que foi o interesse pelas obras filosóficas de autores como Descartes, Condillac, Condorcet, Kant, Spencer e Comte, lidas na Biblioteca Nacional e na Escola Politécnica. Descartes exerceria a maior influência, com o Discurso do Método. A dúvida metódica seria uma tábua rasa para se chegar a uma certeza, instrumento essencial para um escritor.

Na Escola Politécnica um colega ironiza seu nome: Vejam só! Um mulato ter a audácia de usar o nome do rei de Portugal!⁸O nome Afonso foi escolhido pelo pai do escritor para homenagear um amigo, o senador Afonso Celso, que se tornou padrinho do menino. A vida de estudante na Escola Politécnica não é fácil. É reprovado em Mecânica e em Química, sente a má-vontade de professores e colegas, é uma espécie de estranho no ninho, um ambiente freqüentado por

⁷ BARRETO, Lima. Toda Crônica. Volume I. Apresentação e notas Beatriz Resende, organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 459

⁸ FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literaturaafiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997. p. 1

jovens de famílias ricas, brancos e com sobrenomes conhecidos. A hostilidade do meio era a pedra no meio de seu caminho, comenta Carlos Faraco, acrescentando: Resolveu estilhaçar essa pedra em mil fragmentos verbais e lançá-los contra os poderosos. Foi assim que começou a ficar conhecido entre os estudantes.⁹ Esses fragmentos verbais são as primeiras colaborações em jornais estudantis, como A Lanterna e A Quinzena Alegre. Utiliza pseudônimos como Alfa Z e Momento de Inércia. São os primeiros passos na atividade jornalística. O curso de engenharia, na Escola Politécnica, teve que ser abandonado. O principal motivo desse abandono foi o enlouquecimento do pai João Henriques, em 1902, fato que obriga o filho a tomar as rédeas da luta pela sobrevivência familiar. Tinha agora sob os seus cuidados os irmãos menores, a companheira do pai e os filhos dela, além de um agregado, um velho, que morava fazia anos com a família. A família muda-se constantemente para localidades suburbanas.



Imagem 3 - Lima Barreto perdeu a mãe Amália Augusta quando tinha seis anos de idade

Lima Barreto, meses depois que assume o papel de arrimo de família, ingressa através de concurso na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra, setor do Ministério da Guerra. Sua primeira colaboração na imprensa periódica vem pouco antes de assumir o emprego de funcionário público. Obtida certa estabilidade, embora de poucos recursos, começa a dar início à elaboração da primeira versão de Clara dos Anjos, obra na qual o fôlego do grande escritor ainda não passa de mero sopro de criatividade e descuidos de estilo, deficiências que vão sendo filtradas ao longo do tempo com Recordações do escrivão Isaías

⁹ Obra citada. p. 4

Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma e Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, esta talvez a sua melhor obra, além de uma infinidade de contos – como os magistrais O homem que sabia javanês e A nova Califórnia – e crônicas, muitas crônicas. Embora tenha sido o primeiro romance de Lima Barreto, Clara dos Anjos só é publicado anos após a morte do escritor.

Lima Barreto tinha como colega de trabalho no Ministério da Guerra Domingos Ribeiro Filho, homem de bom copo e boa conversa, presença assídua nos cafés do centro do Rio de Janeiro, locais freqüentados por estudantes, boêmios, jornalistas e artistas. Domingos o apresenta a alguns jornalistas, abre caminho para que Lima Barreto, com seus novos contatos, tenha acesso à grande imprensa, da mesma forma que Isaías Caminha, figura central de Recordações do escrivão Isaías Caminha, e Lucien de Rubempré, personagem balzaquiana de Ilusões perdidas. Assim Lima Barreto tem abertas as portas do Correio da Manhã, o mais importante jornal carioca. Como jornalista, acompanha com mais proximidade as mudanças ocorridas na cidade e no país, percebe as velhas estruturas do Império cedendo espaço aos ditames da República e considera muitas dessas mudanças piores do que as existentes nos tempos do imperador Pedro II. O ficcionista tem ao seu dispor farto material e mescla a realidade com a ficção; desnuda a Primeira República, denuncia favorecimentos políticos e toma partido nas questões que marcam o cotidiano dos brasileiros. O partido dos oprimidos, dos perseguidos, dos deserdados da sociedade é a sua causa. Engaja-se em prol da marginália. Leva essa marginália para seus romances, coloca-a em destaque nos contos, esmiúça seu cotidiano nas crônicas. E, assim, faz da literatura e do jornalismo ferramentas que podem ser utilizadas para se entender melhor as engrenagens que movimentam uma sociedade.

Ao estudioso da Primeira República brasileira, ou mesmo quem se interessa pela época sem grandes pretensões acadêmicas, os livros de Lima Barreto são de

importância singular, como bem aponta Francisco de Assis Barbosa, um dos principais pesquisadores de sua obra¹⁰:

Escritor eminentemente memorialista, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, delimitar na maioria dos seus romances e contos as fronteiras da ficção e da realidade, ele anotou, registrou, fixou, comentou e criticou todos os grandes acontecimentos da vida republicana, melhor dito, da Primeira República, desde o seu advento até o começo da sua agonia.

Entre os grandes acontecimentos da Primeira República estão a insurreição antiflorianista, a campanha contra a febre amarela, a ação do Barão do Rio Branco no Itamarati, a política de valorização do café, o governo do Marechal Hermes da Fonseca, a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, o advento do feminismo, as primeiras greves operárias, a Semana de Arte Moderna, o futebol e o jogo do bicho.¹¹ Lima Barreto vê todos esses fatos de uma forma peculiar, diferentemente de outros escritores de sua época, muitos deles rebuscando ou exagerando nas tintas da superficialidade. Sua pena, com a perspicácia que lhe dota o jornalismo, e com a sensibilidade que lhe municia a literatura, percorre a mentalidade burguesa e acompanha o drama do povaréu na vida republicana das primeiras décadas. Um drama cujos tentáculos envolvem questões que se estendem desde a falta de emprego à desqualificação para arranjá-lo, também o distanciamento do governo e sua ausência de esforços para comunicar-se com a população; o descaso da municipalidade com a periferia e os dissabores causados por questões como o analfabetismo além, é claro, dos preconceitos e das discriminações. Não esquece ter nascido numa época em que havia escravidão e que a conjuntura sócio-econômica de sua cidade, o Rio de Janeiro, se agravava cada vez mais desde os últimos anos do Império.

¹⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 14-15.

¹¹ BARBOSA. Idem, p. 15

A Abolição e a crise da economia cafeeira que se lhe seguiu (...) desencadeou uma enorme mobilização (85.547 pessoas) da massa humana outrora presa àquela atividade e que em boa parte iria afluir para a cidade do Rio, fundindo-se ali com o já volumoso contingente de escravos recém-libertados, que em 1872 chegara a constituir 18% (48.939 pessoas) da população total da capital do Império. Vêm somar-se a essa multidão os sucessivos magotes de estrangeiros, que a previdência dos proprietários pressagiosos da Abolição e as vicissitudes européias arrastaram vacilantes para o porto do Rio.¹²

Nicolau Sevcenko¹³, autor dessas informações, também aponta que em apenas uma década, de 1890 a 1900, a população do Rio de Janeiro cresceu numa escala impressionante, atingindo quase 3% a cada ano. Cidade envolvida por um relevo acentuado e com várias regiões pantanosas, transformou-se em minadouro de moléstias como varíola, tuberculose, malária, febre tifóide, lepra, escarlatina e febre amarela. Ademais, havia carência de moradias e alojamentos, o abastecimento de carnes e outros gêneros alimentícios era precário e o saneamento básico profundamente deficitário. Junto a isso, o desemprego se tornava crônico devido à grande oferta de mão-de-obra excedendo a demanda do mercado. Quem ainda percebia salários viu o poder de compra de seus rendimentos decrescer assustadoramente. A situação dos ex-escravos era a pior de todas. Sem dinheiro e sem instrução, ainda tinham de suportar um dos males mais cruéis que um ser humano pode devotar a outro: o do preconceito. Se na Monarquia a escravidão era uma realidade e os negros vistos como inferiores aos brancos, a República, ao ser instaurada pouco depois da Abolição, fica às voltas com tão grave problema. A escravidão havia sido extinta legalmente, mas o sentimento de inferioridade ou de superioridade continuava prevalecendo entre

¹² SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72

¹³ Idem

as pessoas. Os negros estavam livres do jugo escravista, isso era fato, mas não haviam se libertado da discriminação racial, problema que persiste até nossos dias, como bem aponta Edward Telles: A noção popular sobre raça é transmitida através de estereótipos da mídia, de piadas, das redes sociais, do sistema educacional, das práticas de consumo, dos negócios e pelas políticas do Estado.¹⁴ Na República nascente ser negro é estar sujeito a uma série de agruras.

Os primeiros anos da República têm em Rui Barbosa uma figura ímpar. Orador talentoso, mostra-se incapaz de gerir a economia republicana e se torna responsável por um dos maiores crimes cometidos contra a memória brasileira. Principal idealizador da primeira Constituição Republicana, aprovada em 1891, Rui Barbosa é um fracassado ministro das Finanças ao baixar uma série de decretos que ficou conhecida pela alcunha de Encilhamento. Essa política se caracterizou pela emissão de dinheiro com lastro somente em bônus governamentais – e não por fundos de reservas. O país tinha carência de papel-moeda, pois a quantidade de dinheiro que circulava na economia era insuficiente para pagar salários e cumprir outras obrigações. Além disso, a política governamental também liberava crédito para a criação de sociedades anônimas. Com essa série de decretos, o governo esperava incentivar a produção, intenção que foi por água abaixo, porque muitas dessas sociedades existiam apenas no papel. A política do Encilhamento foi engolida pela especulação. Já o crime cometido por Rui Barbosa contra a memória brasileira consistiu no despacho de 14 de dezembro de 1890. Nesse documento, o então ministro das Finanças determina que todos os livros e documentos relativos à escravidão existentes no Ministério das Finanças fossem recolhidos e queimados. Rui Barbosa esperava, com essa determinação, evitar pagamento de indenizações aos senhores de escravos, porque grande parte dos cativos adquiridos por eles era mercadoria que entrara no país ilegalmente. A

¹⁴ TELLES, Edward. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 306

medida de Rui Barbosa foi aprovada pelo Congresso Nacional através de uma moção felicitando o governo republicano¹⁵.

Foi, portanto, com essa espécie de auto-de-fé abolicionista que o Brasil comemorou os três anos da mais tardia emancipação de escravos no hemisfério ocidental. Embora pragmática – e muito mais verossímil do que a versão oficialista de que os documentos foram queimados para “apagar qualquer lembrança do triste período escravocrata” – a medida foi torpe.¹⁶

Apesar desse “auto-de-fé”, Lima Barreto vê a figura de Rui Barbosa com profundo respeito. Em nenhuma de suas mais de quatrocentas crônicas o trata com descaso ou indiferença. Ironiza, é verdade, mas através de uma ironia que não macula a sua imagem, ao contrário de outras figuras de nossa história, execradas por Lima Barreto. Na crônica Uma surpresa da Exposição, publicada na Revista Careta, em 11/11/1922, apesar de reconhecer sua capacidade intelectual, sobrevaloriza seus dons oratórios: Aqui, entre nós, o Rui Barbosa é mais popular como orador do que por outra coisa.¹⁷

Duas figuras são tratadas por Lima Barreto com profundo desprezo. Uma é o Barão do Rio Branco, responsável pelo Ministério do Exterior durante boa parte da República Velha, visto por Lima Barreto como uma figura lamentavelmente intocável, acima do bem e do mal, podendo fazer o que bem quiser sem precisar dar satisfações a ninguém. Ao abordar, na crônica Os próprios nacionais¹⁸ acerca do problema gerado pela utilização de imóveis públicos para fins particulares, o escritor aponta que o maior escândalo vem do ministro:

¹⁵ BUENO, Eduardo. Brasil: uma história – A incrível saga de um país. São Paulo: Ática, 2003. p. 229

¹⁶ Idem

¹⁷ BARRETO, Lima. Toda Crônica. Obra citada. Volume II p. 574

¹⁸ Toda crônica. Vol. I. p. 164

O maior escândalo dessa ocupação indébita foi dado pelo Senhor barão do Rio Branco que, sem lei, autorização, artigo de regulamento, transformou o palácio do I tamarati em sua residência. Ninguém nada disse, porque o Senhor Rio Branco podia perpetrar todos os abusos, todas as violências da lei, impunemente.¹⁹

Lima Barreto acusa o Barão do Rio Branco de transformar o I tamarati numa espécie de “corte”, na qual aboleta amigos e apaniguados. Denuncia, na crônica A amanuensa, seu pedantismo, sua presunção e prosápia.²⁰ Também pedante, na ótica do cronista, é o escritor Coelho Neto, figura que será melhor detalhada no próximo capítulo.

Se Lima Barreto tem uma paixão, um sentimento de amor e de ternura, é dedicado à sua cidade, o Rio de Janeiro. Dedicou ao Rio sua capacidade de análise, discute seus problemas, propõe soluções. Mas não esquece o Brasil. Preocupa-se com as dificuldades vividas pelas populações de localidades mais distantes. Na crônica Sobre o maximalismo, publicada em 01/03/1919 na Revista Contemporânea, vê alternativas para saneamento dos graves problemas sócio-econômicos do país, principalmente para o interior porque, vistos com seriedade, os problemas do interior resolvidos diminuiriam, em muito, os da capital. Vejamos:

(...) há a parte de engenharia: dessecamento de pântanos, regularização de cursos d'água, etc.; há a parte social, no fazer desaparecer a fazenda, o latifúndio, dividi-lo e dar a propriedade dos retalhos aos que efetivamente cultivam a terra; há a parte econômica, consistindo em baratear a vida, os preços do vestuário, etc., coisa que pede um combate decisivo ao nosso capitalismo industrial

¹⁹ Toda crônica. Volume I. p. 164

²⁰ Obra citada. p. 389

e mercantil que enriquece doidamente, empobrecendo quase todos; há a de instrução e muitos outros que agora não me ocorrem.

Em resumo, porém, se pode dizer que todo o mal está no capitalismo, na insensibilidade moral da burguesia, na sua ganância sem freio de espécie alguma, que só vê na vida dinheiro, dinheiro, morra quem morrer, sofra quem sofrer.²¹

A cor da pele foi uma espécie de decalque impregnado na existência de Lima Barreto. Neto de escravos, sentiu na alma a força gerada pelo preconceito, problema que o envolveu durante toda sua existência, perseguindo-o onde quer que fosse. Portas lhe foram fechadas, como as da Academia Brasileira de Letras, instituição fundada por Machado de Assis, mulato e carioca como Lima Barreto, mas cuja escrita elegante e erudita dotada de fina ironia, o diferencia do segundo. A Academia Brasileira é uma cópia da Francesa, até o número de cadeiras é igual (40 membros efetivos e perpétuos), muitas delas ocupadas por militares, médicos e políticos, deixando escritores de fora. Nos primeiros anos, a Academia não vê com bons olhos os literatos boêmios, prefere os que freqüentam a Confeitaria Colombo, estabelecimento localizado no centro do Rio de Janeiro freqüentado por boa parte da intelectualidade, da política e das artes cariocas.

Em letras, temos a nossa Academia Brasileira – é verdade. É uma bela senhora, generosa, piedosa, religiosa; mas tem um defeito: só estima e julga com talento os seus filhos legítimos, naturais, espúrios e, mesmo, os adotivos. Quem não sugou o leite da academia ou não foi acalentado por ela, quando de colo, a rabugenta matrona não dá mérito algum. Daí, a falta de formalidade marcada nos felizes autores, velhos e novos, consagrados, cujos nomes não são acintosamente omitidos nos jornais.²²

²¹ Obra citada. p. 464

²² O meu conselho. Toda crônica. Vol. II. p. 428

Machado de Assis, o fundador da Academia Brasileira de Letras, era o que se pode chamar de homem educado, vestia-se com sobriedade e caracterizava-se pela disciplina tanto no trabalho como funcionário público quanto no trato com as pessoas. Educado e cortês, sem muita afetação, foi autor de obras que fizeram dele o maior escritor brasileiro. Menino pobre e autodidata, Machado de Assis foi exemplo claro daquilo que se pode chamar de pessoa que subiu na vida. Não enriqueceu, mas obteve um padrão de vida razoavelmente bom, além da estima e do respeito que lhe dedicavam os mais bem aquinhoados cidadãos do Rio de Janeiro. Com sua Carolina, mulher amada, vive um longo casamento, até tornar-se viúvo.

Lima Barreto não tinha a fina ironia de Machado de Assis, escritor dotado da capacidade de observar a condição humana sem imiscuir-se em seus ditames. Seus livros estão repletos desse distanciamento e dessa aparente sutil indiferença – ou ironia – diante da condição humana. O último trecho do *Quincas Borba* é exemplar:

Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.²³

Lima Barreto, ao contrário, não é mero observador do espetáculo do mundo. É parte integrante desse espetáculo. Coloca-se na planície, nela e dela escreve. É também protagonista e, desta forma, engaja-se nas causas que acha corretas, critica ferozmente as que acha incorretas e, cidadão nascido nos últimos anos do Império, sente as agruras das primeiras décadas da República. O

²³ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. p. 260

Brasil é o país de Jecas Tatus, personagem criada por Monteiro Lobato que caracteriza o homem da zona rural, ignorante e doente, e também o simplório morador da cidade, igualmente adoentado e ignorante. É no Rio de Janeiro do desemprego, das doenças, da falta de saneamento básico e do preconceito racial que Lima Barreto se movimenta, atravessa ruas suburbanas, anda de bonde, sobe morros, frequenta botequins, junta-se à escória, gosta de escutar melodias sob acompanhamento do violão, instrumento proscrito por boa parte de uma população que prefere os hábitos franceses e a finesse de um piano. Também bebe cachaça e envolve-se em discussões que acabam em brigas. Solteiro até morrer, não encontra sua Carolina, como Machado de Assis; esporadicamente abraça ou se deixa abraçar por aquelas mulheres que as chamadas pessoas de bem preferem olhar com certo asco. Sua visão acerca do casamento é bastante avançada para a época. Em geral, na nossa sociedade burguesa, todo o casamento é uma decepção, escreve na crônica *Os uxoricidas e a sociedade brasileira*²⁴. É, sobretudo, uma decepção para a mulher²⁵, completa. Lima Barreto não acredita em fidelidade, em monogamia e muito menos na indissolubilidade do casamento. Vejamos o que diz a respeito:

Por economia de esforço sentimental, por hábito, pelas aquisições que a marcha da sociedade tem trazido à nossa "psique", somos levados insensivelmente à monogamia e a viver durante a vida toda com uma única mulher; mas não é geral e não o pode ser, por não ser o espontâneo da nossa organização, quer a fisiológica, quer a psicológica. Esta então é que reage poderosamente sobre a mulher para levá-la ao adultério.²⁶

²⁴ Toda crônica. Vol. II. p. 471

²⁵ I dem.

²⁶ I bitem.

Existem três espécies de casamento, conforme Lima Barreto define na crônica Procurem a sua Josefina²⁷. A primeira é o de fortuna, a segunda o de interesse e a terceira, o primitivo (ou natural). O de fortuna é quando se procura na mulher o dinheiro, ao passo que o de interesse é quando o homem vê na mulher, pelo seu nascimento ou por suas relações de família, um bom meio de subir e brilhar²⁸. O primitivo é ironizado por Lima Barreto ao ser, em raros casos, desejado pelos homens, mas o é, sempre, pelas mulheres. Fica difícil, dessa forma, a um homem como Lima Barreto encontrar uma Carolina no Brasil do início do Século XX. Junte a isso a falta de dinheiro no bolso, a condição de mulato, as despesas como arrimo de família e o problema de alcoolismo. Seu modo de vestir-se também não se parece nada com o de um dândi e não tem a sobriedade de quem se pauta pela fleuma. De vez em quando é recolhido a uma casa de saúde mental. Mulato, alcoólico e louco. Todos os requisitos para não encontrar a esposa ideal e para dar errado no Brasil da Primeira República, a qual, aliás, não vê com bons olhos.

Lima Barreto parece trazer, em seu fazer literário, um certo desleixo gramatical. Um desleixo que se coloca frontalmente contrário ao que certos escritores da época queriam que fosse a literatura, um sorriso da sociedade ou um manancial que fizesse percorrer as límpidas águas do estilo. Estudiosos de nossa literatura como Manuel Cavalcanti Proença e Antônio Houaiss não vêem Lima Barreto como um desleixado do vernáculo, como lembra Francisco de Assis Barbosa²⁹. É admirável o acervo de palavras, expressões e modismos de inspiração nitidamente brasileira, com que Lima Barreto enriqueceu o português do Brasil, acrescenta³⁰. Cerca de três anos antes de morrer, Lima Barreto foi candidato à Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Emílio de

²⁷ *Ibid.* p. 441

²⁸ Obra citada. p. 441

²⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 19.

³⁰ *I dem.* p. 19.

Menezes (1866-1918), poeta e jornalista nascido no Paraná. Obteve dois votos nessa disputa. Foram duas as tentativas de ingressar na Academia. Pensou numa terceira, mas desistiu.

Lima Barreto viveu num momento de grande desenvolvimento da imprensa brasileira, provocado pelas mudanças advindas da abolição da escravatura e da proclamação da República, também da vinda de imigrantes europeus na segunda metade do Século XIX, alguns deles profundos conhecedores das artes gráficas.

A década de 80 aponta para um país com quase 15 milhões de habitantes. Pouco mais de um terço, 5,5 milhões, são lavradores. As principais categorias são: comerciantes e guarda-livros (150 mil); capitalistas, proprietários e fazendeiros (40 mil); manufatureiros e fabricantes (30 mil); empregados públicos (20 mil); professores e homens de letras (5 mil); médicos e cirurgiões (3 mil).

(...)

As distâncias internas diminuem com a instalação do telefone e do telégrafo, da estrada de ferro e de linhas de navegação fluvial. A ligação com o exterior é beneficiada pelo cabo telegráfico submarino entre Brasil e Europa. O jornalismo abriga essas inovações como básicas para o seu desenvolvimento.

(...)

A imprensa acolhe operários gráficos da experiente tipografia européia, principalmente alemã e italiana.³¹

É nesse período que as máquinas Alauzet começam a ser substituídas por outras mais modernas, como as Marinoni. A impressora do fabricante francês Alauzet inicialmente era movida à mão, depois se modernizou e passou a ser movimentada pelo vapor. Para movimentá-la era necessário o trabalho de três homens, o impressor, o maquinista e o ajudante. Imprimia duas páginas numa única folha de papel, ou seja, a página 1 e a 4 ao mesmo tempo, ou então a 2 e a 3,

³¹ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: a história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990. p. 79-80

como fazem atualmente algumas impressoras Off-set. Já as rotativas italianas Marinoni imprimem, cortam e dobram os exemplares, permitindo um salto de qualidade na produção de jornais.

Também de obras literárias.



Imagem 4 - Impressora Alauzet

As máquinas Marinoni ocupam lugar de destaque na história gráfica. Robustas, funcionaram por décadas, apresentando rendimento compatível com as expectativas de muitas empresas jornalísticas. Além da rotativa Marinoni, as máquinas linotipo, elétricas, dão um toque de modernidade nos parques gráficos dos grandes jornais do país. As linotipos permitem a composição de tiras inteiras de textos para impressão, através de tipos móveis de chumbo fundido. A impressora Marinoni do jornal O Mossoroense, da cidade de Mossoró (distante 277 quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte), um dos periódicos mais antigos do Brasil, adquirida em 1917, deixou de funcionar em 1978. Movida a energia elétrica, a máquina produzia 1.500 exemplares do jornal por hora. Remontada, encontra-se no Museu Municipal Lauro da Escóssia, naquela cidade. A Marinoni de O Mossoroense foi fabricada em 1880³².

As impressoras Marinoni dos grandes jornais brasileiros da época de Lima Barreto foram substituídas, gradativamente, por unidades impressoras Walter

³² JORNAL O MOSSOROENSE. Primeira impressora de O Mossoroense é restaurada. Seção Cotidiano, edição de 20/11/2001.

Scott, mais velozes e mais modernas, no dizer de Juarez Bahia³³. Títulos e anúncios saem em cores e, além disso, há possibilidade de publicação de fotos internacionais. Repórteres e redatores escrevem à mão em tiras de papel, costume que se estenderá por tempo considerável na atividade jornalística. A máquina de escrever só começará a ser utilizada nas redações brasileiras a partir de 1912³⁴. Os jornais brasileiros seguem o modelo padrão de publicações como o Times, de Londres, e o Temps, de Paris. Este último, que serviria de modelo para o Jornal do Brasil, periódico carioca ainda existente, cujo número inicial foi às ruas em 9 de abril de 1891, data de nascimento da primeira Constituição

Republicana, tinha páginas com textos divididos em oito colunas.³⁵



Imagem 5 - Impressora Marinoni

A imprensa na qual Lima Barreto milita vive momentos de grande desenvolvimento, nos quais a notícia viaja de bonde, de trem e de navio, os meios de transporte de que se valem repórteres em missões de maior mobilidade. O jornal é menos literário e mais noticioso. Nem por isso deixa de atrair escritores e publicistas consagrados, escreve Juarez Bahia.³⁶ Os jornais ostentam bandeiras em suas sedes, demarcam símbolos, despertam preferências. Além de bandeiras, alguns colocam murais em suas paredes externas para que o público

³³ Jornal, história e técnica: a história da imprensa brasileira. Obra citada. p. 126

³⁴ Op. cit. p. 132

³⁵ Idem, p. 115

³⁶ Ibidem, p. 132

tenha acesso imediato às notícias de maior impacto, sendo atualizadas à medida que novos fatos vão surgindo. Lima Barreto descreve um desses momentos em Recordações do escrivão Isaías Caminha³⁷. Trata-se de um momento lamentável, na visão do escritor, o que corrobora mais ainda os fatos negativos que se traduzem em sua forma de ver o jornalismo. Um repórter da área policial adentra na sede do jornal, ofegante e deslumbrado, fala ao secretário de redação que havia ocorrido um crime, não se sabia ainda se em Santa Cruz ou nos campos de São Marcos. Uma mulher e um homem foram encontrados mortos a facadas e decapitados... Vestiam com luxo... Parecem pessoas de tratamento. Perguntas chovem de todos os lados da redação, até que o secretário ordena a elaboração imediata de um boletim.

(...) Adelermo começou a traçar em letras garrafais a notícia que o Lemos trouxera. Eu fui pregá-lo à porta; da sacada, Leporace avaliava o efeito. O primeiro curioso que passou, parou e ficou-se a ler. Vieram outros e em breve uma multidão estacionava em frente do jornal. (...) O doutor Loberant entrou, atravessando a custo por entre a multidão. Tinha ouvido qualquer coisa e correu ao jornal. Que houve? Perguntou. Contaram-lhe. A sua fisionomia abriu-se risonha, sorridente e feliz. Ia vender mais mil ou dois mil exemplares.

Para manter a atenção do público, um redator vai criando os fatos, descreve os porquês do crime ocorrido, enquanto um repórter é destacado a ir ao local. O redator escreve que se tratava de uma briga de amantes, ocasionada pelo ciúme. Da sede da polícia um repórter telefona e informa que se tinha encontrado um chapéu de palha junto ao corpo dos amantes. O redator se esmera, enche o papel de banalidades, coisa que Lima Barreto deplora, como

³⁷ BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. p. 162-163

também lamenta a forma de se enganar o público. Vê diferenças cruciais entre jornalismo e literatura:

(...) Oh! A vaidade dos desconhecidos da imprensa é imensa! Todos eles se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo o mundo. Não reconhecem que são como um empregado qualquer, funcionando automaticamente, burocraticamente, e que uma notícia é feita com chavões, chavões tão evidentes como os da redação oficial. Quase todos os repórteres e burocratas dos jornais desprezam a literatura e os literatos. Não os grandes nomes vitoriosos que eles veneram e acumulam de elogios; mas os pequenos, os que principiam. Estranha ignorância de quem, por intermédio dos artigos dos que sabem, copia os processos dos romancistas, as frases dos poetas e deturpa os conceitos dos historiadores, imitando-lhes o estilo com uma habilidade simiesca.³⁸

Essa forma de jornalismo menosprezada por Lima Barreto – também por outros escritores como Balzac, Maupassant e Eça de Queirós – ostenta padrões que fogem de princípios éticos, como ocorre no jornalismo do final do século XIX e início do XX. Essa afirmação não quer dizer que o jornalismo desse período é feito por pessoas inescrupulosas, desonestas e corruptas. A história do jornalismo brasileiro é repleta de exemplos de probidade, dignidade e correção. Reflitamos sobre o que diz Juarez Bahia³⁹:

O jornalismo, no começo do século XX, não é ainda uma atividade profissional, regulamentada e sujeita às leis de mercado. (...)

Nossos mais importantes jornalistas dessa época são também os mais destacados publicistas, com função dupla no jornal e na tribuna parlamentar, no governo ou

³⁸ BARRETO, Lima. Obra citada. p. 164

³⁹ Jornal, história e técnica: a história da imprensa brasileira. Obra citada. p. 157

nos partidos. Então, diretores, redatores e gerentes de jornal acumulam funções de ministros, diplomatas, funcionários graduados e não se sentem tolhidos por qualquer incompatibilidade ética.

Por não ser uma atividade profissional regulamentada, o jornalismo dos tempos de Lima Barreto é aquilo que, na atualidade, é chamado de bico, ou seja, uma forma de se complementar o baixo salário percebido em outra atividade. Ou então o contrário: o jornalismo, com os baixos salários que oferece, obriga o profissional a buscar outras atividades para poder sobreviver. Essa situação não é característica apenas das décadas iniciais do século XX. Em Estados como o Rio Grande do Norte, nos dias atuais, boa parte dos jornalistas que se encontram numa redação ocupa funções correlatas em assessorias de imprensa ou exerce outras atividades de natureza profissional. Há casos em que o jornalista é contratado como assessor de imprensa exatamente por também trabalhar num veículo de comunicação de largo alcance junto ao público e, dessa forma, dispondo de espaço privilegiado para divulgar o que melhor apraz ao assessorado. Essa situação provoca lamentáveis efeitos colaterais, como deficiências no conhecimento do vernáculo – acarretando erros gramaticais sérios em matérias publicadas – e falta de independência de pensamento na elaboração de algumas matérias. Como escrever algo que possa afetar os interesses do político ou do empresário que pagam pelos serviços de assessoria prestados pelo jornalista? Tal situação também gera a superficialidade do jornalismo, tão lamentada por Lima Barreto.

Além de jornalista e escritor, Lima Barreto busca a cidadania plena, a solidariedade. Sua pena está a serviço dessa busca. É um sentimento impossível de guardar apenas para si mesmo, extravasa, ultrapassa linhas e incomoda, muito, aqueles que se sentem atingidos por seus escritos. O amanuense que escreve em jornais e publica livros com recursos do próprio bolso é visto de maneira

tortuosa, uma espécie de transgressor. Como pode um mulato, descendente de escravos, ser tão impetuoso, tão atrevido? Um homem que se veste com desleixo, se embriaga até cair e, de vez em quando, é levado a uma casa de saúde mental, como levá-lo a sério, mesmo que esse homem mostre que tem talento e se atreva a pleitear uma vaga na Academia Brasileira de Letras?

Homens como Monteiro Lobato reconhecem seu valor. Vindo de São Paulo apenas para conhecer o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Monteiro Lobato o encontra em alto estado de embriaguez. Para não constranger Lima Barreto, o escritor paulista vai embora sem falar-lhe. É através de Lobato que recebe pela primeira vez na vida algum dinheiro oriundo de direitos autorais. A obra que lhe traz essa alegria é *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, a história de um velho solteirão, carioca apaixonado pelo Rio como Lima Barreto, que vê com tristeza velhos casarões sendo derrubados e levando consigo uma parte da história da cidade. Gonzaga de Sá é uma personagem digna de um grande escritor, como também o são Policarpo Quaresma e I saías Caminha.

As internações em hospitais psiquiátricos são indicadores de sua inaptidão em continuar a exercer atividades de funcionário público. A aposentadoria por invalidez é concedida em dezembro de 1918⁴⁰ e, se os vencimentos já eram poucos, tornam-se menores, aumentando mais ainda suas dificuldades. O emprego na Secretaria da Guerra nunca o satisfaz. Foram quinze anos que não deixaram saudades, como desabafa na crônica *A matemática não falha*⁴¹. É uma de suas crônicas mais longas, publicada na *Revista Souza Cruz* em 07/12/1918. Organizada em *Toda a crônica*, ocupa seis páginas, nas quais um notável cunho autobiográfico se apresenta sob um estado de pungência que chega a doer no leitor. Ser amanuense nunca figurou nas suas aspirações, ocupação à qual foi arrastado pelas circunstâncias da vida, obrigado a virar arrimo de família, a

⁴⁰ RESENDE, Beatriz. *Sonhos e mágoas de um povo*. In: BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Obra citada. p. 15

⁴¹ *Toda crônica*. Vol. I. p. 406

colocar nos ombros a responsabilidade de sustentar parentes e assistir ao pai, afetado pela loucura. O emprego público frustra, castra aspirações. O cronista lamenta ser a vida feita e guiada mais pelos outros do que por si próprio, também levada mais por acontecimentos fortuitos do que por algum plano previamente traçado: Jamais imaginei, desabafa, em algum dia da minha vida, ter de ir parar naquele casarão do Campo de Santana⁴², escreve.

Mas sucessos imprevistos da minha vida com dolorosas desgraças domésticas, num instante de necessidade e angústia, levaram-me até ali, fizeram-me ver bem profundamente, de excelente lugar na platéia, uma das partes mais curiosas da administração republicana.⁴³

Deixar o emprego é um alívio, para o cronista: Detesto a hipocrisia e por isso digo que deixo o emprego sem saudades⁴⁴. A ausência de saudades não pode ser resumida apenas na rotina de uma atividade que causa mais suplícios que prazeres. Essa ausência faz brotar o resultado de um longo aprendizado, lições de vida que demarcam características de uma sociedade, que atingem frontalmente o indivíduo:

Neste como naquele, nesta ou naquela profissão, tenham-se as melhores ou piores aptidões, o que se nos pede nessa sociedade burguesa e burocrática é muita abdição de nós mesmos, é um apagamento da nossa individualidade particular, é um enriquecimento de idéias e sentimentos comuns e vulgares, é um falso respeito pelos chamados superiores e uma ausência de escrúpulos próprios, de modo a fazer os tímidos e delicados de consciência não suportar sem os mais atroz sofrimentos morais a dura obrigação de viver, respirar a atmosfera deletéria de covardia moral, de panurgismo,

⁴² *I dem.* p. 406

⁴³ *I bitem.*

⁴⁴ *I bid.* p. 407

de bajulação, de pusilanimidade, de falsidade, que é a que envolve este ou aquele grupo social e traz o sossego dos seus fariseus e saduceus, um sossego de morte de consciência.⁴⁵

Algo que também o atinge frontalmente é o alcoolismo, o faz descer, literalmente, às profundezas do inferno, a uma espécie de cemitério dos vivos. É pungente o que relata Carlos Faraco:

Noite de Natal de 1919. Na mesa dos Limas Barreto faltava Afonso Henriques que, em delírio, passara a noite perambulando pelas ruas. O irmão Carlindo o encontrou na manhã seguinte, sujo e com a roupa rasgada, na porta de uma vendinha do subúrbio. Afonso delirava como o seu grande e infeliz pai.

Começava a segunda estada no inferno: ficará no hospício até fevereiro de 1920.⁴⁶

A última tentativa de salvação vem com Ranulfo Prata, médico e escritor, que nutre profunda admiração pela obra de Lima Barreto. Ranulfo o leva até Mirassol, pequena cidade do interior paulista. Passando por São Paulo, conhece pessoalmente Monteiro Lobato. Lima Barreto é submetido a uma dieta controlada e a uma rigorosa abstinência de álcool. É convidado, inclusive, a proferir uma palestra numa cidade vizinha, na qual falará sobre a função da literatura. O que deveria ser uma festa, transforma-se num pesadelo. Quando vão buscá-lo, os amigos não encontram Lima Barreto. Procuram-no. Está caído na sarjeta, bêbado.⁴⁷

Vila Quilombo. Este é o nome da localidade suburbana no bairro Todos os Santos, a última que servirá de morada para Lima Barreto enquanto estiver vivo. É 1º de novembro de 1922, Lima Barreto está em seu quarto quando a irmã

⁴⁵ Op. cit. p. 406

⁴⁶ FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. Obra citada. p. 24

⁴⁷ Obra citada. p. 27

Evangelina lhe traz uma refeição. Deixa-o só. Quando volta o encontra morto. A causa mortis é gripe torácica e colapso cardíaco⁴⁸. Vai-se o homem da literatura militante, cuja reflexão acerca do que escreve tem as tintas da mudança, uma mudança que precisa acontecer e permitir que as Claras dos Anjos e os Policarpos Quaresmas tenham saciada a imensa sede de justiça que as desvalidas camadas da sociedade brasileira acumulam ao longo da história. Daí a linguagem algumas

vezes coloquial que certos críticos tanto lastimam em seus livros.



Imagem 6 - Vila Quilombo, casa de Lima Barreto à rua Major Mascarenhas, 42, no subúrbio Todos os Santos

Morto o homem, o jornalista e o escritor permanecem, traçando uma imensa linha. É nessa linha que Lima Barreto se equilibra, deplorando o jornalismo embora também sobreviva dele. Jornalismo e literatura estão entrelaçados em sua obra, dois campos do escrever que o conduzem em altos e baixos, jogam-no ao inferno e o elevam ao paraíso. Ao contrário de Dante, nesse cair e nesse elevar-se, Lima Barreto está só. Não conta na trajetória com o amparo de um

⁴⁸ BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto. Obra citada. p. 24

Virgílio ou a esperança de uma Beatriz, faróis que guiam o poeta florentino na Divina Comédia. É uma solidão que se assemelha à necessidade balzaquiana de preencher páginas e mais páginas, e também a de travar, como Maupassant, incessante batalha contra a loucura. Sua solidão é quebrada por uma expressão que assume ares de crueldade, num país imerso no preconceito racial: sou um negro, Senhor, sou um... negro!

Estação III
Entre o jornalismo e a literatura



"Mon coeur profond ressemble à ces voûtes d'église
Ou le moindre bruit s'enfle en une immense voix."
(Vers d'un philosophe. Guyau)⁴⁹

O cronista literário Floc viera satisfeito do teatro lírico. Estava alegre, com a fisionomia exalando satisfação. Perguntado sobre o espetáculo, não poupava adjetivos: maravilhoso, harmonioso, excelente, extraordinário. Orquestra magnífica, grandes cantoras embora nenhuma se destacando mais que outra, valsa bisada quatro vezes e, das galerias, nenhuma vaia, sinal de que as platéias cariocas começavam a deixar esse hábito "botocudo", como Floc fazia questão de frisar. As mulheres então, divinas. A Lobo, com seu decote generoso; a Santos Carvalho, com olhos de curiosidade e insatisfação; a Carneiro de Sousa, não sei que mal me faz essa mulher com seu desenho de rosto à Boticelli, exclamara Floc. Indagado se entregaria logo o artigo, Floc não se fez de rogado. Vira no teatro o repórter de um jornal concorrente e sabia que o outro periódico traria, logo mais, informações acerca daquele evento. Passava da meia-noite, quando Floc sentou-se em sua mesa de trabalho para começar a escrever. Havia silêncio na rua. Na redação apenas ele e o contínuo. O contínuo levou-lhe papel e tinta. Floc preparou a caneta, arrumou o papel, acendeu um charuto e ficou longos minutos a cismar. Começaria por onde? Vira tanta coisa bela. Encheu de palavras as primeiras folhas. Releu-as. Fez uma bola de papel e jogou-a no lixo. O paginador perguntou-lhe se o artigo estava pronto. Minutos depois tornou a fazer a mesma indagação, os minutos corriam. Floc levou à boca uma garrafa de cachaça. Sorveu um longo gole. Fumou um cigarro e voltou a escrever. Novas bolas de papel no cesto do lixo. Branco mental. Não estava acostumado a escrever sob urgência, seus artigos eram elaborados em casa, descansadamente. Depois de lidos, relidos e revisados eram levados à redação. Floc se achava uma

⁴⁹ Epígrafe de Recordações do escrivão I saías Caminha

sumidade, um nome pronunciado com respeito pela imprensa carioca. Depois de ver cheio o cesto do lixo, se levantou, se dirigiu a outro compartimento e escutou-se um estampido. Floc havia se matado.

Esse episódio está narrado em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*⁵⁰, o primeiro romance publicado por Lima Barreto, em 1909, obra na qual o escritor tece elevadas críticas ao papel da imprensa, atividade que aglutina mazelas das mais lamentáveis, na visão do escritor. Os textos de Lima Barreto não se limitam a retratar tipos como Floc ou mesmo o contínuo Isaías Caminha, personagem principal do romance, mas traçam uma radiografia da sociedade brasileira e fazem, no caso da obra *Isaías Caminha*, um detalhado quadro do jornalismo e suas reverberações na vida das pessoas. O romance é uma passarela na qual desfilam os mais variados tipos envolvidos com a prática jornalística. Se uma palavra puder dimensionar a visão de jornalismo que Lima Barreto expressa no romance, esse termo pode ser o seguinte: superficialidade. Os jornalistas retratados por Lima Barreto, salvo raras exceções, naufragam na superficialidade, embora se julguem detentores da mais absoluta erudição e se achem aptos a expressar qualquer juízo. Essa superficialidade é sentida por Isaías Caminha poucos dias após sua chegada ao Rio de Janeiro, vindo do interior para estudar e trabalhar. Enfim, ser doutor, vencer.

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...⁵¹

⁵⁰ Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. p. 205-208.

⁵¹ Obra citada. p. 45

Isaías Caminha é mulato, filho de um padre e de uma negra. Na viagem ao Rio de Janeiro, durante uma parada do trem, ao reclamar da demora do troco no balcão de vendas de café e bolos, é alfinetado pelo preconceito racial.

Servia-me e dei uma pequena nota para pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?" Ao mesmo tempo a meu lado, um rapazola alourado, reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação.⁵²

Um mulato indignado em viagem à capital de um país que mal acabava de erradicar a escravidão oficializada. Ainda por cima um mulato que já havia feito com brilho os preparatórios e se achava apto a cursar uma faculdade para, enfim, tornar-se doutor de anel no dedo e com vários empregos. Um mulato em busca de resgatar o pecado original de seu nascimento, menosprezado pelo caixeiro de uma espelunca perdida numa pequena estação ferroviária. Esse menosprezo acompanha Isaías Caminha ao longo do romance, deixa marcas, é uma tatuagem impossível de não ser vista. Uma marca que mesmo alicerçada na capacidade intelectual é sobrepujada pela superficialidade. O primeiro contato com essa superficialidade é feito ao conhecer o jornalista Raul Gusmão, do Aurora, com seu ar de superioridade. Depois vem o Oliveira, de O Globo, com parcos conhecimentos geográficos e muita empáfia. Na mesa de um café, indagado sobre o que havia de novo, Oliveira responde:

- Uma inundação no Norte.
- Onde?

⁵² Op. cit.. p. 49

- No forte São Joaquim, no Purus.

- Perdão! fiz eu muito colegialmente. O forte São Joaquim não fica no Purus.

Oliveira olhou-me com alguma raiva e eu tive que comprimir a alegria colegial do quinau. Mas a sua raiva foi breve; o repórter Oliveira procurou uma saída conveniente para a sua ignorância numa crítica larga e patriótica:

- Esta nossa geografia anda tão baralhada... O Governo não cuida nessas coisas. É só política e "comidelas"... Tudo come... Uma vergonha! Do que o país precisa não cuidam... O senhor com certeza não conhece o rio das Capivaras?

- Não, senhor, fiz satisfeito por mostrar a meu turno a minha ignorância.

- Pois é um rio importante e nenhuma geografia dá! Eu o conheço porque nasci perto, senão... Nós não temos governo...

De manhã, pus-me a recapitular todos esses episódios; e sobre todos pairava a figura inflada, mescla de suíno e de símio, do célebre jornalista Raul Gusmão. O próprio Oliveira, tão parvo e tão besta, tinha alguma coisa dele, do seu fingimento de superioridade, dos seus gestos fabricados, da sua procura de frases de efeito, de seu galope para o espanto e para a surpresa.⁵³

Isaías Caminha se espanta e fica surpreso com a superficialidade dos jornalistas que conhece. Quando vai trabalhar como contínuo na redação de O Globo – e depois como repórter –, um dos mais importantes jornais do país, vive diariamente essa superficialidade. Floc é um deles. Pseudônimo utilizado pelo macio Frederico Lourenço do Couto, com sua linda barba perfumada e o seu grande queixo erguido e atirado para adiante como um aríete de couraçado⁵⁴.

(...) adquiriu ele uma linda reputação e um grande prestígio de talento e de artista. (...). Quando se suicidou

⁵³ *I dem.* p. 57

⁵⁴ *I bidem.* p. 128

fui-lhe ver os livros; lá havia a Grande Marnière, de Ohnet; Je suis belle, de Victorien de Saussay; uns volumes de Bourget, alguns de Maupassant, nenhum historiador, nenhum filósofo, nenhum estudo de crítica literária, mas dez de anedotas literárias de autores de todos os tempos e de todos os países.⁵⁵

Esse é o retrato que I saías Caminha faz de um jornalista que se julga uma sumidade. Um homem imerso na superficialidade exercendo um ofício que não exige mergulhos mais profundos na questão do conhecimento – e que também não se incomoda em adquirir maior conhecimento acerca do que escreve. A superficialidade no jornalismo não é vista apenas na obra de Lima Barreto, o qual, na voz de I saías Caminha, define o jornalista como um profissional arrogante⁵⁶. Com essa visão, Lima Barreto segue uma trajetória na qual o francês Honoré de Balzac é figura proeminente e tem como continuadores nomes como Guy de Maupassant, Eça de Queirós e vários outros. Em *Ilusões perdidas*, obra que talvez seja o seu melhor trabalho literário, Balzac desanca sem piedade a atividade jornalística. Acompanhando a trajetória de Lucien De Rubempré, indivíduo provinciano como I saías Caminha, que chega a Paris cheio de sonhos e pronto a vencer como poeta – diferentemente de I saías Caminha, que desejava tornar-se médico –, Balzac desfere estocadas das mais diversas no jornalismo. *Le Constitutionnel*, *La Quotidienne* e *Journal des Débats*, periódicos descritos por Balzac, sintetizam uma visão de que a imprensa está a serviço de interesses nem sempre condizentes com os princípios de honestidade e correção que devem nortear as relações humanas. Na voz da personagem Miguel Chrestien, Balzac denomina as redações como lupanares do pensamento⁵⁷. Outra personagem, Fulgencio Ridal, mimoseia o jornalismo como um inferno, um abismo de

⁵⁵ *Ibidem*. p. 144

⁵⁶ *Ibidem*. p. 123

⁵⁷ *Ilusões perdidas*. Tradução Ernesto Pelanda e Mário Quintana, nota introdutória de Paulo Rónai. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 130

iniquidades, de mentiras, de traições, que não se pode atravessar e de onde não se pode sair puro, senão protegido, como Dante, pelos louros divinos de Virgílio⁵⁸. Se Lima Barreto arquiteta uma figura como Floc, Balzac tem em Estêvão Lousteau o jornalista superficial, manhoso e oportunista, redator de um pequeno jornal, onde escrevia artigos sobre livros novos e fazia a crítica das peças representadas no Ambigu-Comique, na Gaité e no Panorama-Dramatique⁵⁹. Lousteau chega a ganhar algum dinheiro vendendo livros que recebe como cortesia de alguns editores, para que possa fazer críticas favoráveis. Lousteau é um vencido, um arrolado por ditames que conduzem a existência a caminhos que nem sempre são os desejados pelo indivíduo. Um vencido que chega a lamentar a própria condição para, em seguida, ser tomado por um certo conformismo. Lucien de Rubempré o escuta com atenção:

Também eu cheguei como você com o coração cheio de ilusões, impellido pelo amor da Arte, arrastado para a glória por invencíveis impulsos. E encontrei as dificuldades da profissão, as dificuldades das livrarias e o positivo da miséria. Minha exaltação, hoje abafada, minha primeira efervescência, escondiam-me o mecanismo do mundo. Foi preciso vê-lo, chocar-me com todas as engrenagens, ir de encontro aos seus eixos, engraxar-me nos óleos, ouvir o rangido das correntes e dos volantes. Como eu, irá saber que, sob todas as coisas belas com que sonhamos, agitam-se criaturas, paixões e necessidades. Será fatalmente arrastado a tomar parte em lutas horríveis, de obra contra obra, homem contra homem, partido contra partido, nas quais a gente precisa bater-se sistematicamente para não ser abandonada pelos seus. Esses combates ignóbeis desencantam a alma, depravam o coração e fatigam em pura perda, porque os nossos esforços hão de servir muitas vezes para fazer coroar um homem a quem odiamos, um talento de

⁵⁸ Obra citada. p. 129

⁵⁹ I dem. p. 112

segunda classe, apresentado, a pesar nosso, como um gênio.⁶⁰

É o contrário, em caráter, de Daniel de Arthez, personagem que valoriza a literatura e espera vencer como escritor. Lukács o define como auto-retrato de Balzac⁶¹. D'Arthez, que não é jornalista e tem repulsa por essa atividade, diz a Lucien que o gênio orvalha suas obras com lágrimas⁶², como a encorajá-lo a se distanciar do ambiente das redações, acrescentando que um grande escritor é um mártir que não morrerá⁶³. Desta forma, Balzac faz uma separação entre a atividade do jornalista e a do escritor, uma presa na superficialidade e nos favorecimentos muitas vezes escusos, a outra alicerçada no sacrifício e na renúncia.

- Aguarda então, também, muitos sofrimentos? - perguntou Lucien.

- Provações de toda a espécie: calúnias, traições, injustiças de meus rivais; desaforos, espertezas e grosserias do comércio - respondeu o moço com voz resignada. - Se a sua obra é bela, que importa uma primeira perda..⁶⁴

Através dessa resposta de d'Arthez a Lucien, Balzac deixa claro a sua repugnância pela atividade jornalística e enaltece a do literato. D'Arthez é instrumento para passar essa visão. Uma única página de *Ilusões perdidas*, a 129, é suficiente para mostrar essa divisão. D'Arthez alerta a Lucien a não lançar-se à atividade jornalística, porque ser jornalista é passar a procônsul na república das letras, é ser vil e infame conscientemente, além de premeditadamente traficar

⁶⁰ *Ibidem*. p. 138

⁶¹ LUKÁCS, Georg. Balzac: les illusions perdues. In: *Ensaio sobre literatura*. Tradução Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 101

⁶² *Ilusões perdidas*. Obra citada. p. 119

⁶³ *I dem.* p. 120

⁶⁴ *Ibidem*. p. 120

com a própria alma, o próprio pensamento e o próprio espírito. Ademais, não se faz com nobreza o que os jornalistas fazem sem consciência e nem dignidade. Nessa mesma página, porém, também são reconhecidas algumas qualidades do profissional em jornalismo: o brilho e a rapidez do pensamento.



Imagem 7 - Foto de Lima Barreto no Livro de registro de entrada de pacientes do Hospício Nacional (26.12.1919).

Brilho e rapidez de pensamento não faltam a Lima Barreto, tanto na literatura quanto no jornalismo. Funcionário público aposentado em decorrência de problemas mentais, Lima Barreto também é jornalista. É essa palavra que define a sua profissão, que consta no Livro de registro de entrada de pacientes do Hospício Nacional, no Rio de Janeiro, em 26 de dezembro de 1919⁶⁵. O Livro de registro traz a foto de um Lima Barreto taciturno, barbeado, cabeça pendendo para a direita e os olhos mergulhados no vazio, cujo escuro faz contraste com a roupa clara de paciente. A foto mostra um homem impregnado em melancolia. Foi a sua última internação no Hospício Nacional. Até sua morte, luta contra o alcoolismo e os fantasmas da própria loucura. É um jornalista que perdeu espaço nos grandes periódicos cariocas depois de publicado o livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. O jornal O

⁶⁵ BARRETO, Lima. Toda crônica. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. volume I. p. 41

Globo, retratado na obra, é, nada mais nada menos, do que o Correio da Manhã dos empresários Edmundo e Paulo Bittencourt. O Correio da Manhã circulou pela primeira vez em 15 de junho de 1901 e fechou suas portas em 1974, em decorrência de problemas originados pela oposição ao regime militar que se instalou no Brasil em 1964. Por sua redação passaram nomes como Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Paulo Francis, Janio de Freitas, Ruy Castro e muitos outros. É no Correio da Manhã que Lima Barreto inicia sua vida de jornalista profissional e um de seus grandes momentos naquele periódico é uma série de reportagens sobre obras de escavações no Morro do Castelo, área modificada pela prefeitura do Rio, em seus esforços de modernização da cidade. Para isso, a municipalidade derruba casarões, aplaina morros, abre novas ruas. Em algumas dessas modificações Lima Barreto vê equívocos e posturas arbitrárias. E não tem receios em colocar seu pensamento no papel.

Recordações do escrivão Isaías Caminha traz uma visão da atividade jornalística que tem gerado as mais acerbas interpretações, os mais variados achincalhes e também os mais diversos elogios. Há os que afirmam tratar-se de uma obra de segunda categoria, escrita apenas para expressar os recalques de um espírito doentio, frustrado por não pertencer à Academia Brasileira de Letras, ser um boêmio, um alcoólatra e, ainda por cima, doente mental. A obra nada mais seria do que um mero clichê, uma sátira na qual o ranço está expresso além de um desabafo de quem não foi aceito, como esperava, pela imprensa carioca. Daí um libelo contra os jornais e os jornalistas, os quais, obviamente, não o perdoam e imprimem-lhe também os mais variados insultos.

Sabendo disso, se faz necessário enveredar pelas alamedas que conduzem até sua vida porque esta, incontáveis vezes, se confunde com a essência de seus escritos. No caso específico de Recordações do escrivão Isaías Caminha, o estudioso da literatura brasileira Alfredo Bosi aponta que o escritor adota os

recursos da sátira realista autobiográfica, já trabalhada em tom reflexivo por Flaubert e nos romances em primeira pessoa de Dostoievski. E vai mais além:

As recordações são fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para integrar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde arranhou emprego, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricatura; enfim, o clima de fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da belle époque carioca - tudo são índices de valor documental que interessam de perto ao historiador das mentalidades de nossa República Velha.⁶⁶

Se Recordações do escrivão I saías Caminha são fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro, na visão de alguns pesquisadores da literatura brasileira, Lima Barreto parece não dar muita importância a cuidados que outros escritores apresentam em relação ao vernáculo - contrariamente à visão de Francisco de Assis Barbosa ou Antonio Houaiss. Ele se vê diante da impossibilidade de uma escrita concebida sob a reflexão paciente de quem se adentra na luta para disciplinar palavras, imagens e ritmos, escreve o estudioso de sua obra Antonio Arnoni Prado⁶⁷.

A crítica literária Lúcia Miguel Pereira, ao analisar a literatura brasileira do período de 1870 a 1920, vê em Lima Barreto uma incapacidade de adaptação ao meio. Ela traz o seguinte relato sobre o escritor: Foi das mais atormentadas a sua vida de boêmio inadaptado ao meio, e no fim deixou-se dominar pelo alcoolismo⁶⁸. Ela também informa que Lima Barreto deixou inacabado um romance que talvez chegasse a ser sua obra-prima, Cemitério dos vivos. Lima Barreto é

⁶⁶ Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 187

⁶⁷ Trincheira, palco e letras. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 242

⁶⁸ Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988. p. 278

autor de quatro romances (Recordações do escrívão Isaías Caminha - 1909; Triste fim de Policarpo Quaresma - 1915; Numa e a ninfa - 1915; Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá - 1919), uma novela (Clara dos Anjos) e uma infinidade de contos.

A caricatura idealizada por Lima Barreto causou melindres em nomes que se achavam sumidades na imprensa carioca – melindres nunca perdoados. Com Recordações do escrívão Isaías Caminha, Lima Barreto transforma-se num proscrito, uma persona non grata diante dos proprietários dos grandes jornais cariocas. Perdido espaço nesses periódicos, escreve em pequenas publicações, jornais e revistas, muitas delas desaparecendo da mesma forma com que surgiram, rápida e instantaneamente. Sua contribuição pereniza, de uma certa forma, essas publicações. É nelas que a maioria de suas crônicas é escrita, material imprescindível para que se conheça o Brasil da Primeira República e as mudanças vividas pela sociedade brasileira da época. Material que mostra ser a literatura uma espécie de laboratório vivo que pode – e deve – ser utilizado pelas ciências sociais. Literatura que traz um magma de significações sociais.

Os magmas de significações sociais são dotados da capacidade de também cartografar a literatura universal, aproximam autores e suas idéias, seja o francês Balzac, o português Eça de Queirós ou o brasileiro Lima Barreto. Algo os aproxima, apesar das diferenças de estilo e do manejo com o qual dominam a palavra. Esse algo é o elemento imaginário, item tanto essencial à literatura quanto à própria instituição da sociedade. A sociedade é magma e magma de magmas, como aponta Yago Franco⁶⁹, discípulo de Cornelius Castoriadis, pensador que será visto com mais profundidade em capítulo posterior. Podemos lembrar, entretanto, que o conceito de magma é um dos pilares do pensamento de Castoriadis, em conjunto com itens como a noção de imaginação radical, histórico

⁶⁹ Magma: Cornelius Castoriadis – psicoanálisis, filosofia, política. Buenos Aires: Biblos, 2003. p. 114

social e significações imaginárias sociais. A visão castoriadiana de magma é de que este se trata da totalidade das representações que existem na psique, o que faz de um magma algo indeterminado, diferentemente de qualquer conjunto ou ente matemático. De um magma, escreve Yago Franco, pode-se extrair ou construir organizações conjuntistas, indefinidamente.⁷⁰ Um magma seria, portanto, o elemento que constitui a sociedade como um mundo de significações.

Na riqueza de significações desse mundo jornalismo e literatura estão presentes. Desta forma, também pode-se afirmar que um magma é a visão de que o jornalismo, pelas exigências do imediatismo, está calcado na superficialidade, elemento deplorado por escritores que, apesar de também exercerem atividade jornalística durante algum tempo, não conseguem levá-la adiante tão bem quanto a literária. O próprio Balzac é um exemplo. Guy de Maupassant é outro. O primeiro exímio romancista, o segundo um mestre na arte do conto – e também bom romancista. Com Georges Du Roy, personagem central de *Bel-Ami*, Maupassant deplora a superficialidade jornalística. Ao contrário de Lucien De Rubempré e de Isaías Caminha – o primeiro um ingênuo que fracassa na busca do sucesso jornalístico-literário, o segundo um desiludido da atividade jornalística –, Du Roy é inescrupuloso a começar pelo próprio sobrenome: Duroy. A colocação da preposição Du e o surgimento do substantivo Roy são um esforço de enobrecimento de origem. Como Lucien e Isaías, George também é de origem modesta, interiorana, mas, ao contrário dos dois, não mede esforços para ascender na carreira, mesmo que esses esforços não estejam condizentes com princípios éticos. Du Roy ingressa no jornalismo por intermédio do amigo Forestier, o qual é casado com Madeleine, uma talentosa e ambiciosa mulher. É Madeleine a autora do primeiro artigo de Duroy (ele ainda não é Du Roy) para o *La Vie Française*, periódico no qual trabalha Forestier. Trata-se de um retrato da

⁷⁰ FRANCO, Yago. Obra citada. p. 179. Texto original: De un magma pueden extraerse, o se pueden construir, organizaciones conjuntistas, en un número indefinido.

Argélia, país onde Duroy servira 28 meses como militar. Madeleine junta algumas informações do aspirante a jornalista com o seu talento imaginativo, o resultado é um texto de qualidade. Com o auxílio de Madeleine, Duroy vai apreendendo as técnicas jornalísticas e começa a escrever seus próprios artigos, muitos deles sem a mínima preocupação com a verdade dos fatos.

(...) sentando-se, interrogou Duroy sobre a topografia da Argélia, que ignorava completamente. Em dez minutos, ela sabia tanto quanto ele, e fez um pequeno capítulo de geografia política e colonial para pôr o leitor ao corrente e prepará-lo para compreender as questões sérias, que seriam levantadas nos artigos seguintes.

(...)

E pronunciou com voz alegre: – A continuação amanhã! – Depois, levantando-se: – É assim que se escreve um artigo, meu caro senhor. Assine, por favor.

Ele hesitava.

– Vá, assine!

Então ele se pôs a rir, e escreveu, na base da página:

“Georges Duroy”.⁷¹

Ambos, Maupassant e Lima Barreto, são conhecedores da obra balzaquiana, também são herdeiros da visão que o autor da Comédia Humana destila em relação à atividade jornalística. Também estão intrinsecamente ligados pelos magmas de significações que enriquecem a literatura universal. Assim define Balzac o profissional da imprensa francesa: Para o jornalista, tudo o que é provável é verdadeiro⁷². Balzac acredita que se uma mentira é contada várias vezes, através da imprensa, acaba obtendo credibilidade e alcançando o fim a que se propõe:

⁷¹ MAUPASSANT, Guy de. Bel-Ami. Tradução Clóvis Ramalhete. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p. 44-45

⁷² BALZAC, Honoré de. Os jornalistas. Tradução João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 164.

A imprensa, como a mulher, é admirável e sublime quando conta uma mentira. Não o deixa em paz até tê-lo forçado a acreditar nela, e emprega as maiores qualidades nessa luta em que o público, tão tolo quanto um marido, sucumbe sempre.⁷³

Este não é o petardo mais violento que Balzac desfere contra a imprensa. Há outro, um axioma, de sentido tão cruel quanto uma das frases mais cruéis de toda a literatura universal, escrita por Dante Alighieri na Divina Comédia: Abandonai toda a esperança, ó vós que entráis!⁷⁴ O menosprezo balzaquiano ao jornalismo se resume nesta sentença: Se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-la.⁷⁵ Se não houvesse o inferno, que Dante afirma existir, também não haveria necessidade de criá-lo. O português Eça de Queirós, quando se refere à prática jornalística, é um Balzac redivivo, tanto em romances como Os Maias quanto em artigos publicados em jornais brasileiros. Correspondente da Gazeta de Notícias, periódico carioca, escreve na edição de 27 e 28.04.1894: Incontestavelmente foi a imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de tudo julgar e decidir, que mais concorreu para dar ao nosso tempo o funesto e já radicado hábito dos juízos ligeiros⁷⁶. A influência de Balzac sobre Eça de Queirós, acerca do jornalismo, também é sentida neste trecho:

E quem tem enraizado estes hábitos levianos? O Jornal - que oferece cada manhã, desde a crônica até aos anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, das onze à meia-noite, entre o silvar do gás e o fervilhar das chalaças, por excelentes rapazes que entram à pressa na redação, agarram uma tira de papel, e, sem tirar mesmo o chapéu, decidem com

⁷³ Os jornalistas. Obra citada. p. 165

⁷⁴ ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. Tradução Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural, 2003. p. 17

⁷⁵ Os jornalistas. Obra citada. p. 166

⁷⁶ MI NÉ, Elza. Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no Século XI X. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 1001

dois rabiscos da pena, indiferentemente sobre uma crise do Estado, ou sobre o mérito de um "vaudeville".⁷⁷

Seria, então, o jornalismo um instrumento infernal, como insinuem os escritores mencionados, transformando a literatura universal numa espécie de libelo contra a prática de boa parte dos profissionais de imprensa? Se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-la?

Esse axioma balzaquiano é uma mostra de como são conturbadas as relações entre jornalismo e literatura, dois campos que apesar de terem a palavra como ferramenta principal, se digladiam continuamente. Mas também se entrelaçam, ambos recebendo e doando-se mutuamente. Apesar de crítico ferrenho da imprensa, Balzac certamente não teria escrito e divulgado sua grande obra se não lesse jornais, tanto franceses quanto de outros países e, desta forma, ficado mais a par das engrenagens que movem uma sociedade. Em nota introdutória contida em *Ilusões perdidas*, Paulo Rónai escreve que Balzac se acha em condições de desferir as críticas que faz ao jornalismo por nunca ter feito pedido algum a jornalistas para falarem bem de suas obras. Cita palavras do próprio Balzac: pertence ao reduzido número daqueles que não devem agradecimentos ao jornalismo e nunca lhe pediram nada; fez o seu caminho sem se apoiar nesse bastão pestífero⁷⁸.

De Balzac até os nossos dias, o jornalismo evoluiu tanto em novas tecnologias quanto nas discussões éticas a respeito do exercício da profissão. A atividade adquiriu características industriais e a notícia, sua matéria-prima, abarrota lares no mundo inteiro seja através dos jornais, das emissoras de rádio e tevê, seja através da Internet. A comunicação transformou-se em atividade essencial, não importa se traduzindo a visão de governos, sindicatos, associações, organizações não-governamentais ou qualquer outro grupo de interesse e pressão.

⁷⁷ *I dem.* p. 103

⁷⁸ *Ilusões perdidas*. Obra citada. p. 9

Comunicar é uma necessidade dos nossos tempos e dispor de meios que possibilitem essa comunicação, uma luta incessante. Mesmo assim, o problema da superficialidade jornalística tão bem percebido por Lima Barreto, continua preocupando. Se o jornalismo adquiriu status de profissão regulamentada, com seus códigos de ética e preceitos afins, não extirpou esse problema. Pelo contrário, a situação do profissional de imprensa é preocupante, como alerta Ignacio Ramonet: A qualidade do trabalho dos jornalistas está em vias de regressão e, com a galopante precarização da profissão, seu status social também⁷⁹. A ética profissional, tão valorizada por Lima Barreto, também não deixa de ser temática de debate entre os jornalistas da atualidade, como frisa Ramonet:

As questões de responsabilidade e de ética estão agora no centro das preocupações dos jornalistas, pois a industrialização do universo da informação parcela sua atividade e reclama dela uma rentabilidade imediata.⁸⁰

Mais até do que Floc, o jornalista que fracassa ao não conseguir entregar seu trabalho no tempo estipulado, os jornalistas atuais vivem sob as tensões do tempo de fechamento das edições, cada vez mais exíguo, e da pressão que o poder econômico exerce sobre a atividade que desempenham. A informação é uma mercadoria que apresenta o duplo papel de ser consumida e, ao mesmo tempo, de exercer influência sobre quem a consome, o que faz o jornalista se ver frente à frente ao desafio de elaborar material idôneo que gere dividendos econômicos e garanta sua sobrevivência. A satisfação do leitor/ouvinte/telespectador e o lucro garantido ao proprietário do veículo de comunicação. Nem sempre acontece de os dois lados se satisfazerem

⁷⁹ Ser jornalista hoje. In: A tirania da comunicação. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999. p. 51

⁸⁰ Obra citada. p. 52-53

mutuamente. Daí o jornalista ser submetido, em seu cotidiano, a ingerências e constrangimentos diários, fato que gera imenso fardo, como ressalta Ramonet:

O peso de todos esses constrangimentos e dessas ameaças explica que, se existem numerosos casos de resistência onde jornalistas tentam defender sua concepção de ética, também não deixam de existir muitos casos de abandono, e até mesmo de conivência assumida.⁸¹

O peso dos constrangimentos, dos muitos casos de abandono ou de conivência assumida dá munição aos que apontam ser os jornais uma espécie de bastão pestífero. Mesmos assim, os jornais não deixam de ser importante fonte de pesquisa para historiadores, sociólogos, psicólogos e muitos outros profissionais. O escritor, em suas buscas, também se encaixa nessas possibilidades e, talvez mais íntimo que o escritor com o cotidiano, existe o cronista. Balzac, por exemplo, é um escritor profissional, tira o sustento através de cada livro que escreve, está à mercê dos direitos autorais e do bom ou mau humor de editores. Sabe, mesmo que afirme nada dever ao jornalismo, que uma crítica favorável num jornal de grande circulação é um passaporte para o crescimento do número de leitores e, conseqüentemente, tiragens cada vez maiores. Ao contrário de Balzac, Lima Barreto não vive somente de literatura apesar de, à sua maneira, viver literariamente. É funcionário público e jornalista, duas fontes de renda insuficientes para permitir que viva com certa tranqüilidade. Aliás, é um escritor que também é jornalista, idealizador de uma obra que algumas vezes se confunde com sua própria vida, pois em seus livros não há o distanciamento que alguns escritores conseguem colocar entre a vida e a obra. Em Recordações do escrivão Isaías Caminha, posiciona-se contra determinadas falhas da imprensa; em Triste fim de Policarpo Quaresma aparece

⁸¹ I dem. p. 55

o Lima Barreto enfurecido contra os desmandos do governo Floriano Peixoto; em Clara dos Anjos, a indignação contra o preconceito racial e a discriminação social; em Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá, o amor pelo Rio de Janeiro, a preocupação pela preservação da história da cidade e um libelo à hipocrisia que reina na sociedade; Os bruzandangas é uma sátira ao próprio país; Numa e a ninfa uma denúncia às práticas políticas escusas, à mercantilização do poder. Nas crônicas aparece um Lima Barreto cidadão, destemido, corajoso, a vida dedicada ao protesto contra as injustiças, como bem define Francisco de Assis Barbosa:

(...) Lima Barreto viu com olhos que nada tinham de falsamente brasileiros, como os da maioria dos escritores de seu tempo. Tudo isso ele transmitiu nos seus livros, sempre com honestidade, e não raro com grandeza. Retrato certos políticos e certos literatos como eram de fato: caricaturas de líderes e de intelectuais. Através de personagens-símbolos, traçou em suma todo o panorama da mentalidade burguesa, predominante no Brasil, nos primeiros trinta anos da nossa vida republicana.⁸²

Um dos literatos retratados dessa forma é Coelho Neto, escritor prolixo que escrevia como se lapidasse as palavras, dotando-as de um artificialismo lamentado por Lima Barreto, longínquo de nossa realidade: Imaginem os senhores que o meu vizinho quer tentar a literatura, o romance, a novela, o conto, e vem pedir-me conselhos. A minha autoridade é pouca; o melhor seria ele dirigir-se a Coelho Neto, cuja glória repousa sobre a biblioteca de Alexandria.⁸³ Lima Barreto não poupa Coelho Neto em várias de suas crônicas, trata-o com mordacidade e ironia, zomba de seu artificialismo, deplora por vê-lo tratar dos

⁸² BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 15

⁸³ BARRETO, Lima. Uma coisa puxa a outra. Toda crônica. Volume I. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 69

mármore gregos que ele [Coelho Neto] nunca viu.⁸⁴ Para Lima Barreto, Coelho Neto não se impressionou com as mais absorventes preocupações contemporâneas que lhe estavam tão próximas.⁸⁵

As cogitações políticas, religiosas, sociais, morais, do seu século ficaram-lhe inteiramente estranhas. Em tais anos, cujo máximo problema mental, problema que interessava todas as inteligências de quaisquer naturezas que fossem, era uma reforma social e moral, o Senhor Neto não se deteve jamais em examinar esta trágica angústia do seu tempo.⁸⁶

Assim deve ser o escritor, para Lima Barreto. Deve tratar das cogitações que inquietam o homem. Cogitações que impulsionam magmas de significações que povoam o seu cotidiano. Em sua multiplicidade de detalhes, o escritor constrói na percepção do leitor uma forma que se destaca e corresponde à forma da sociedade na qual um romance, por exemplo, foi pensado e construído. Assim, apreender a forma do romance é apreender a forma da sociedade e compreendê-la. Diz Gaston Bachelard que ao lermos um romance, somos colocados numa outra vida que nos faz sofrer, esperar, compadecer-nos, mas ao mesmo tempo com a impressão complexa de que nossa angústia permanece sob o domínio da nossa liberdade.⁸⁷ Edgar Morin envereda por esse caminho e afirma que o romance, a partir do século XIX, torna-se repleto de toda a complexidade da vida dos indivíduos, até mesmo da mais banal das vidas. É a literatura que nos revela⁸⁸, ressalta. É no romance, continua Morin, que percebemos que Homo sapiens é ao mesmo tempo, indissoluvelmente, Homo demens⁸⁹.

⁸⁴ Os jornais dos estados. Toda crônica. Vol. I. p. 152

⁸⁵ Literatura e política. Obra citada. p. 303

⁸⁶ I dem.

⁸⁷ A poética do devaneio. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 25

⁸⁸ A cabeça bem-feita. Tradução Eloá Jacobina. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 44

⁸⁹ I dem. Grifos do autor. p. 49

Trazer à tona essa percepção é uma característica do grande escritor, indivíduo capaz de universalizar a condição humana e de colocá-la em páginas que ultrapassam os limites do tempo. Lima Barreto é um desses escritores. Em Recordações do escrivo I saías Caminha, estampa uma angústia que se encontra sob o domínio que os imperativos da liberdade impõem ao escritor quando obrigado, talvez pelos próprios ideais ou mesmo em decorrência de alguma tormenta que lhe assoma o espírito, a buscar a análise minuciosa de uma vida social, o força, de uma certa maneira, a segregar-se. Como afirma Walter Benjamin, o romancista segrega-se:

A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive.⁹⁰

Se escrever um romance é anunciar a profunda perplexidade que toma conta do escritor, ser cronista é trazer essa perplexidade, em linguagem do cotidiano, para as páginas de um jornal. Walter Benjamin enfatiza que a consolidação da burguesia fez destacar uma nova forma de comunicação, da qual a imprensa é um de seus instrumentos mais importantes. Essa nova forma de comunicação é a informação, escreve Benjamin, acrescentando que a informação aspira uma verificação imediata e seja compreensível em si e para si, enfim indispensável que seja plausível⁹¹. Podemos então afirmar que, nesse caso, a

⁹⁰ BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Volume I. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 201

⁹¹ I dem. p. 203

crônica junta a informação à literatura. Se o romance leva o escritor a segregarse, o cronista tem a particularidade de agregar.

A crônica é um gênero que não sobrevive sem o jornal. Fugaz, trata de assuntos ligados ao cotidiano e está submetida ao mesmo destino do jornal, que é transformar-se em papel reciclado ou servir de proteção para que as tintas de um pintor de paredes não sujem o piso. Nas grandes cidades também serve para receber fezes de cachorros criados em apartamento. Houve tempo em que jornais velhos serviam para embrulhar peixes em feiras livres, mas o desenvolvimento tecnológico vem retirando-lhes essa serventia. As feiras, as pequenas mercearias e mesmo negociantes de porta em porta utilizam sacolas plásticas cada vez mais finas. Essa fugacidade não tem impedido que os grandes cronistas, que são verdadeiros escritores, façam das crônicas obras literárias de grande valor, publicadas mais tarde em forma de livro, como tem acontecido com Lima Barreto, Olavo Bilac e Rubem Braga.

A crônica não é um “gênero maior”, escreve Antonio Candido⁹². Ele acrescenta não se imaginar uma literatura feita de grandes cronistas que lhe dêem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor⁹³, ressalta. Antonio Candido faz esta afirmação sem o intuito de desmerecer a crônica ou os cronistas. Ser um gênero menor pode significar que está mais perto de nós, que serve de caminho não apenas para a vida, mas serve de perto a literatura.

Por meio dos assuntos da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua

⁹² A vida ao rés-do-chão. In: A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas (SP): Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13

⁹³ Idem. p. 13

despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.⁹⁴

Antonio Candido acrescenta ser a crônica filha do jornal e da era da máquina, embora não tenha nascido propriamente com o jornal, mas quando este vem a ser cotidiano e com tiragem crescente, tornando o seu teor mais acessível. Despretensiosa, é íntima na convivência com a palavra e, nessa intimidade, traz a literatura para perto de nós, coloca-nos a par das ocorrências cotidianas de forma que as nossas peculiaridades demens tracem a rota na qual os magmas de significações sociais demarcam os imperativos que sintetizam o nosso dia-a-dia. Quando a crônica passa para o livro, verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava⁹⁵, afirma Candido. As crônicas de Lima Barreto são uma comprovação desse espanto manifestado por Candido. Sua durabilidade tem sido maior até do que o próprio Lima Barreto pudesse cogitar. Nessas crônicas estão um retrato do Rio de Janeiro, então capital brasileira, mas também trazem o próprio Brasil. Nelas, o escritor/jornalista traz ao leitor a paisagem nacional que vislumbra, com seus temores, angústias, esperanças, decepções, seja no campo econômico, no político, no social. Lima Barreto faz um passeio no qual um vasto leque de assuntos desfila ante os olhos do leitor, desde impressões sobre literatura ao cotidiano de um país que dá os primeiros passos para consolidar a forma de governo republicana, passos cujas deficiências vão sendo observadas e anotadas por uma pena que alia a crítica muitas vezes mordaz à perspicácia e à solidariedade. O cronista está atento às mudanças, é um homem que traz o olhar de forma que possa realizar uma fotografia do momento, ora à maneira de uma lente grande angular, o que

⁹⁴ I bidem. P. 14

⁹⁵ I bidem. p. 15

permite uma visão extensa, ora sob a forma de uma objetiva, o que permite maior proximidade. Isto lhe possibilita transformar-se num observador privilegiado, perceber que medidas governamentais, até mesmo aquelas em que reconhece a sua necessidade mas deplora a violência com a qual são implementadas, traduzem o fazer político da municipalidade ou do governo federal. O cronista também está a par de novos costumes, novas visões, adquiridos por uma sociedade que busca espelhar-se em sociedades de países ditos mais avançados, como os Estados Unidos ou os europeus. Sociedades que apresentam inovações esportivas como o football (é dessa maneira que Lima Barreto escreve) e tecnológicas como o cinema e o telefone. Lima Barreto é um crítico ferrenho do football, lamenta a iniciante aceitação popular dessa modalidade esportiva. Obras levadas adiante pela prefeitura, a rivalidade entre Argentina e Brasil, o poder despótico de muitos chefes de polícia, desemprego, nepotismo, privilégios aos melhor aquinhoados e o analfabetismo, não existe assunto da atualidade da Primeira República que não seja tratado pelo cronista. Em todos, os magmas de significações sociais se interligam à maneira de um extenso mosaico. A questão feminina também está presente. Nesse assunto a visão de Lima Barreto gera uma série de interpretações, como aponta a pesquisadora Eliane Vasconcellos:

Lima Barreto tem atitude bastante contraditória em relação à posição do sexo feminino dentro da sociedade. Vê com clareza a necessidade de instruí-la. Por meio da figura de Vera Zassulitch exalta a Revolução Russa; é a favor do divórcio e, com grande lucidez, percebe o mecanismo que envolve o casamento. Em "A poliantéia das burocratas" e "Amanuense" questiona a capacidade do belo sexo. Insurge-se ainda contra o ingresso da mulher no funcionalismo público. Na crônica "O feminismo em ação" Lima Barreto diz textualmente ser antifeminista. (...) Mostra, de forma irônica, que as reivindicações feministas são inúteis. Elas estão voltadas unicamente para elas, só se preocupam com o movimento

sufragista; o resto resume-se em perfumaria ou ataque mútuo.⁹⁶

Lima Barreto não deixa de mencionar a imprensa em suas crônicas. Em 22 delas tece os mais variados comentários a respeito do jornalismo. Lamenta a superficialidade estampada nos jornais, os privilégios da chefatura de polícia, a mediocridade do que seria, em nossos dias, a crônica social, como escreve na crônica *Os nossos jornais*: Existe, a tomar espaço nos nossos jornais, uma outra bobagem. Além desses binóculos, há uns tais diários sociais, vidas sociais, etc. Em alguns tomam colunas, e, às vezes, páginas⁹⁷. Binóculo, nesse caso, é o espaço destinado ao que para ele seria inutilidades, uma seção que trata, sobretudo, de etiqueta e das chamadas boas maneiras. Nessa mesma crônica, Lima Barreto critica o servilismo de alguns órgãos de imprensa com instituições que formam o poder público, lamenta o amplo espaço concedido a insignificantes notícias oficiais.

Na crônica *O repórter e o júri*⁹⁸, Lima Barreto traça o retrato de um profissional de imprensa parecido com os que ocupam as páginas de *Recordações* do escrivão Isaías Caminha, cheio de empáfia, querendo mostrar densidade num conhecimento que não possui – mas aparenta possuir. O repórter moralista e sociólogo trouxe as notas do assassinato e dos trejeitos do criminoso na delegacia, escreve Lima Barreto, logo começou a fazer a “cabeça” profundamente filosófica e foi deitando nos “linguados”⁹⁹, ironiza. O repórter afirma ser o criminoso um delinqüente nato, por possuir todos os estigmas de degenerescência, lamenta ser o júri composto em maioria por funcionários

⁹⁶ Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas (SP): Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 256

⁹⁷ *Toda crônica*. Volume I. Obra citada. p. 107

⁹⁸ *Toda crônica*. Volume II. p. 40

⁹⁹ Obra citada. p. 40

públicos de instrução mediana e, por isso, sem a capacidade criteriosa da análise, o que faz com que réus assim acabem absolvidos. Acusa o poder público de nada fazer para evitar que sejam escolhidos jurados ignorantes, desonestos e sem escrúpulos. Na crônica Lima Barreto informa que o repórter, após a redação da matéria vai jantar e passear pela cidade e pelos teatros. No outro dia, quando vai receber os vencimentos na repartição em que trabalha (local onde não aparecia há cerca de um mês), recebe notificação informando de que fora escolhido para o júri. Assinada a notificação, já com o dinheiro dos vencimentos no bolso, vai atrás de um atestado médico para não comparecer ao júri. Além de superficial, o repórter é um leviano, conforme interpreta Lima Barreto. Não é o criminoso que ganha com crime: são os jornais. Os delinquentes se fizeram assim, para uso e gozo das folhas volantes, afirma na crônica Liga de Defesa Nacional¹⁰⁰.

A crônica enriquece o conteúdo de um jornal e contribui para que este também possa ser a manifestação de um conjunto de idéias, crenças e sentimentos e, quando explorado na literatura, é uma forma de apreender a sociedade e compreendê-la. Isto pode ser percebido em obras literárias de elevado grau de excelência, como as de Eça de Queirós e Machado de Assis. O primeiro enfatiza que o jornal é, com efeito, o grande assoprador da vaidade humana¹⁰¹, enquanto Machado de Assis enfatiza que a palavra esculpida no jornal é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão¹⁰². A leitura de um jornal, como bem ressalta Machado de Assis, não é um monólogo, mas uma discussão e uma tomada de rumos que provoca em meio aos leitores influenciando, desta forma, o cotidiano de uma comunidade, de um país. Levado às páginas de um romance, o jornal – e, conseqüentemente o jornalista –, exerce não o papel de esfinge com um enigma a ser decifrado, mas de ligação com a

¹⁰⁰ Idem. p. 52

¹⁰¹ Echos de Paris. In: AMARAL, Luís. Técnica de jornal e periódico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE, 1982. p. 215

¹⁰² JORNAL O ESPELHO 23/10/1859. In: AMARAL, Luís. Obra citada. p. 223.

sociedade na qual o escritor volta suas atenções, como bem aponta Antonio Candido¹⁰³:

O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo [grifo do autor] capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social [grifo do autor], ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.

Lima Barreto é um escritor que corresponde a essas definições de Antonio Candido. Além de ser capaz de exprimir sua originalidade, desempenha um papel social e atende a certas expectativas dos leitores. Seu fazer literário-jornalístico caracteriza um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público. Isso faz dele o escritor mais importante da Primeira República, época de imensas tensões sócio-econômicas, na qual a personalidade da própria República se forja e busca definir-se. Nesse forjar, as injustiças contra a imensa maioria da população e os privilégios às camadas mais favorecidas se acentuam, trazendo um turbilhão no qual também se avolumam as mudanças que afetam o mundo e, conseqüentemente, o Brasil. Lima Barreto vivencia essas mudanças, sua pena não se deixa atemorizar por pressões, não importa de onde venham, seja de lideranças políticas ou econômicas. É um escritor que toma partido e suporta as conseqüências de suas opções, sem esquecer, é claro, o lado jornalista. É esse lado o que melhor possibilita conhecer a cidade – ou o país – e sentir o que realmente se desenha na alma brasileira. A matéria e a forma de sua obra são

¹⁰³ Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976. p. 74

indissociáveis da tensão entre veleidades profundas e a consonância ao meio. Sem a atividade jornalística, sua obra ficaria capenga ou, na melhor das hipóteses, empobrecida. Não haveria, certamente, Recordações do escrivão I saías Caminha e as quase quinhentas crônicas que escreveu.

Um jornal é, sobretudo, informação. Estampa em suas páginas notícias que possam atrair a atenção dos leitores e, desta forma, municiar quem vive ou apenas se deleita com a notícia diária. É instrumento de elevado destaque no dia-a-dia de uma sociedade e, nesse sentido, torna-se indispensável ao conhecimento dos fatos cotidianos. Fatos que cumprem os mais variados papéis e se prestam aos mais diversos fins, podendo sensibilizar, comover, indignar ou mesmo servir de ponto de apoio à alavanca que move o protesto. Sintamos a comoção provocada por este trecho publicado no jornal O Paiz, do Rio de Janeiro, em sua edição de 3 de novembro de 1922:

*O desaparecimento do intenso e forte escriptor provocou no espirito dos que com elle conviviam, ou simplesmente o leram, um sentimento de saudade imperecivel. Essa saudade já se traduz, no coração de seus amigos mais dilectos, pela idéa de lhe erigirem um mausoléu no cemitério S. João Baptista, onde foi sepultado, sob a tarde humida e chuvosa de hontem, tendo o ataude, transportado em vagão funebre, ligado ao trem de suburbios, chegado á Central ás 17 horas e um quarto, vindo da estação de Todos os Santos, da rua Major Mascarenhas, residencia do romancista, á qual affluiram, ao saber da infausta nova, os amigos, varios representantes da imprensa carioca, e até gente do povo, desconhecida inteiramente, mas chorando o desaparecimento daquela alma bonissima. (...)*¹⁰⁴

Essa alma boníssima se chamava Afonso Henriques de Lima Barreto, escritor que, à maneira de Balzac e Maupassant, trata da ligação entre jornalismo e literatura e enriquece mais ainda a literatura universal.

¹⁰⁴ Documento eletrônico: <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj29.htm> acessado em 12.02.07, às 23h58

Estação IV
Lima Barreto e a reinvenção do cotidiano



O Senhor Adolfo Gordo, apesar de sua perfeição torquemadesca, em matéria de legislar, esqueceu-se de alguns artigos na sua recente lei, regulando o direito de escrever em jornais. Vou lembrar-lhe alguma coisa e os artigos podem ser postos, onde convier.

Vejamos quais são eles:

1º) Todo o artigo deve ser acompanhado com o retrato do autor;

2º) O autor do artigo deve declarar que sabe ler e escrever e tem os preparatórios de Português, Aritmética, Geografia e estudou para padre;

3º) O signatário do articulado deve confessar que nunca foi acionista ou coisa que o valha da São Paulo Railway;

4º) Nos artigos, nunca se deve aludir a prorrogações de contratos e outras traquibérmias parlamentares;

5º) O sujeito que não provar ter tido vultuosas transações com companhias de estrada de ferro, não pode escrever nos jornais, nem mesmo nos "apedidos".

Creio que assim estará salva a moralidade da "imprensa" e a segurança do Estado.

Lima Barreto

Esta pequena crônica de Lima Barreto, publicada na Revista Careta¹⁰⁵, edição de 05/08/1922, estampa uma amostra de seu pensamento em relação a um tema que nunca deixou de fazer parte das mais variadas rodas de assuntos, desde que os jornais passaram a integrar o cotidiano da humanidade: a liberdade de imprensa e as tentativas governamentais para coibi-la. Em suas crônicas, a perspicácia do olhar se estende sobre tudo o que afeta a vida de sua cidade, de seu país, do mundo que o envolve. Trata-se de uma obra na qual um rico conjunto de magmas de significações imaginário-sociais se faz presente. Obras significativas da literatura universal nunca deixam de apresentar tais

¹⁰⁵ Lei de imprensa. In: Toda crônica. Vol. II. p. 543

características e, como elucida o pensamento de Castoriadis a respeito do magma, podemos fazer emergir organizações conjuntistas em número indefinido, organizações que estão calcadas no imaginário social instituinte. É o que nos demonstra o pensamento de Castoriadis.

Lima Barreto viveu no Rio de Janeiro, nas duas décadas finais do Século XIX e nas três iniciais do Século XX, ao passo que Castoriadis, nascido em Istambul (Turquia) no ano em que Lima Barreto morreu, 1922, viveu até 1997. Castoriadis é considerado um filósofo grego, por causa das origens de sua família e também por ter emigrado para a Grécia nos primeiros anos de sua existência. Adulto, radicou-se na França. Ambos, ao escrever, têm à disposição farto material acerca do fazer e do viver que caracterizam uma sociedade, um com o olhar voltado para a literatura e o jornalismo nos quais deposita a própria vida, misturando realidade e ficção. O outro tem ao seu dispor, além de uma visão analítica privilegiada, a percepção oferecida pela Filosofia e pela Sociologia. É essa vastidão que lhe garante lugar de destaque no pensamento do Século XX. Tanto Lima Barreto quanto Castoriadis fazem considerações a respeito de uma sociedade que é subjugada pelo individualismo e pelo cinismo, na qual o fator econômico tem como acólito o consumismo e como súdito fiel boa parte da imprensa. Trata-se de uma sociedade que acolhe o homem e, por sua vez, é modificada por ele, porque o homem existe através da sociedade e esta é sempre histórica.

Magmas de significações sociais estão impregnados na sociedade. Primeiro por ser, ela própria, instituída de forma imaginária. É criação – e também auto-criação; nesse caso por trazer a capacidade da mudança ou da transformação. Se há mudanças ou transformações, há novos eidos, termo grego que traz a idéia da criação de formas, de novos níveis, de novas camadas, enfim, de novos magmas. O que dá coesão a uma sociedade são as instituições que a caracterizam, como a

linguagem, as normas, a família, os modos de produção. As instituições traduzem significações das mais variadas, como as noções de Deus, cidade, pátria, riqueza, relações de trabalho, manifestações esportivas e toda uma diversidade que traz a marca dessas significações. As instituições e as significações também trazem a particularidade de representarem criações ontológicas. Os elementos que integram uma sociedade são formados por ela mesma, ou seja, para Natal ou o Rio de Janeiro existirem são necessários natalenses e cariocas, criados somente em e por Natal e Rio de Janeiro. Assim, a sociedade é sempre auto-instituída e histórica, tem no homem um ser inacabado imerso nas instituições e nas significações imaginárias sociais. A instituição da sociedade, escreve Castoriadis, é toda vez instituição de um magma de significações imaginárias sociais, que podemos e devemos denominar um mundo de significações¹⁰⁶. Um vasto mundo de significações traz Lima Barreto em seus escritos. Um mundo poiético, termo utilizado por Castoriadis, quando aponta ser a cultura um domínio do imaginário no sentido estrito, ou seja, um domínio poiético, porque nenhuma sociedade é reduzida ao funcional ou ao instrumental. O ser humano está imerso no poiético e equilibra-se num fio que separa a necessidade e o desejo, ou então a necessidade e a vontade.

A distinção entre aquilo que chamo de poiético e funcional, escreve Castoriadis, não está evidentemente nas coisas, ela se encontra na relação entre a maneira como as coisas são feitas e sua finalidade¹⁰⁷. Tomemos como exemplo um vaso, que pode ser funcional, ter utilidades essenciais ao nosso cotidiano, e também ser um admirável objeto de arte. Nesse segundo caso, a funcionalidade pode ser colocada em plano inferior que o seu valor artístico, o qual ultrapassa a finalidade do objeto. O poiético, desta forma, é aquilo que escapa à finalidade ou

¹⁰⁶ A instituição imaginária da sociedade. Tradução Guy Reynaud, revisão técnica Luís Roberto Salinas. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 404

¹⁰⁷ As encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 135

a ultrapassa. Essas duas criações, a poiética e a funcional, não caminham no mesmo ritmo nem no mesmo sentido, enfatiza Castoriadis¹⁰⁸. A criação poiética pode fenecer sem que isso afete a criação no domínio funcional, arremata.

Quando Lima Barreto, reiteradas vezes, tece críticas às ações da municipalidade ou do governo federal, em suas crônicas e romances, não se coloca contrário a uma situação estabelecida ou em vias de se estabelecer pelo simples prazer de manifestar uma visão oposicionista ou sectária, mas à forma como as ações são feitas e impostas à população. O escritor dá vez ao jornalista para expressar sua indignação e o jornalista cede espaço ao escritor para colocar-se em prol daquilo que acredita ser correto. E, dessa forma, o poiético e o funcional se entrelaçam para deixar o leitor a par do que realmente o escritor/jornalista pretende dizer. A notícia traz a finalidade de informar, enquanto a crônica ultrapassa essa finalidade. Gênero jornalístico ou gênero literário, escreve José Marques de Melo, a crônica representa uma narrativa do cotidiano muito difícil de ser realizada¹⁰⁹. Para exprimir essa opinião, Melo recorre a Nabantino Ramos, jornalista que exerceu cargos de relevância em redações paulistas nas décadas de 1970/80. Ao ressaltar as especificidades da crônica, Ramos aponta que esta deve ser capaz, senão de comover o leitor, pelo menos de fazê-lo pensar, sentir, ao pôr em movimento algumas de suas emoções¹¹⁰. Na crônica O Conselho Municipal e a arte¹¹¹, Lima Barreto demonstra sua capacidade de fazer funcionar essas engrenagens descritas por Ramos. Comenta a aprovação de uma resolução municipal que autoriza a prefeitura a despender a quantia de quinhentos contos de réis para construção do Teatro Brasileiro. Lima Barreto afirma a necessidade do Rio de Janeiro contar com um teatro digno da cidade, mas coloca em dúvida se a população terá acesso ao local, porque a obra, devido à suntuosidade, servirá

¹⁰⁸ Obra citada. p. 136

¹⁰⁹ A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985. p. 119

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Toda crônica. Vol. I I. p. 197

para que uma burguesia rica, ou que se finge de rica, exhiba suas mulheres e filhas, suas jóias e seus vestidos em espetáculos de companhias estrangeiras¹¹². Outra crítica é o distanciamento imposto pelo poder público aos artistas da terra, que podem ficar privados do acesso ao teatro. O cronista faz o seguinte perfil do prefeito:

Homem de negócios, filho de fazendeiros, educado no tempo da escravatura, ele nunca se interessou por semelhante entidade. O que ele queria, era um edifício suntuoso, onde os magnatas da política, do comércio, da lavoura e da indústria pudessem ouvir óperas, sem o flagelo das pulgas do antigo Pedro II. Era só isto.¹¹³

Fosse uma mera notícia, mesmo sendo escrita à maneira como se fazia jornalismo na época de Lima Barreto, com todos os floreios de um nariz de cera – forma pela qual o redator antes de escrever sobre o que realmente pode interessar ao leitor, rebusca o texto, tornando-o prolixo –, não teria o caráter poiético inserido pela crônica, porque, como enfatiza José Marques de Melo, o cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores.¹¹⁴ O caráter poiético tem como uma de suas peculiaridades permitir que a imaginação exerça, realmente, seu real papel, o qual também é capaz de apresentar uma consciência poética da atualidade, como está explícito na crônica *Um conselho*¹¹⁵. Nela, o cronista trata com humor a rivalidade entre brasileiros e argentinos. Os nossos patriotas voltam a incomodar-se com as caricaturas que os jornais do Rio da Prata publicam, criticando coisas do Brasil,

¹¹² *I dem.*

¹¹³ *I bidem.*

¹¹⁴ *A opinião no jornalismo brasileiro. Obra citada. p. 116*

¹¹⁵ *Toda crônica. Vol. I. p. 171*

escreve. Não sei por que semelhante aborrecimento¹¹⁶, continua. O cronista lamenta que a própria diplomacia nacional se mostre indignada com as caricaturas e mobilize o Itamarati e a Secretaria do Exterior, para enviar mensagens de protesto aos jornais. É pueril semelhante estado de espírito, enfatiza Lima Barreto, para completar: Não só porque uma caricatura representa um julgamento individual, como também as mais das vezes esse julgamento é certo¹¹⁷. Outra coisa, opina o cronista, os fatos que os jornais argentinos se referem são públicos, e sobre fatos públicos pode-se ter o julgamento que melhor aprover ao cidadão. Semelhante condição magmática se encontra na crônica Herói!¹¹⁸, que trata do encontro entre dois velhos amigos. Um tem o filho brilhante, estudioso, formado em direito, mas, infelizmente trabalhando como guarda no cais do porto até alcançar a posição de escrevente. Quanto ao filho do outro, o pai lutou em vão para que metesse no bestunto algumas noções com que ele pudesse ser, ao menos, amanuense, descreve o cronista. Esse filho virou jogador de football, venceu o Campeonato Sul-Americano com o team nacional, vai receber cinquenta contos; é um herói nacional, define o pai orgulhoso, para completar: E dizer que ele não dava pra nada!¹¹⁹. Caricatura e futebol, ambos movimentam as engrenagens da imaginação sob a pena do cronista, arregimentam magmas para firmar-se.

Na obra *A instituição imaginária da sociedade*, Castoriadis aponta a imaginação como elemento primordial do desenvolvimento humano. Ele parte da visão aristotélica do que seria imaginação – phantasia, em grego –, porque à alma é impossível pensar sem fantasia, ou seja, a capacidade de inventar, de imaginar. Logo, há sempre fantasia. Castoriadis vai além de Aristóteles, o qual não reconhecia, nem podia reconhecer – como também Kant –, na imaginação uma

¹¹⁶ I dem.

¹¹⁷ I bitem.

¹¹⁸ Toda crônica. Vol. II. P. 576

¹¹⁹ I dem. p. 576-577

fonte de criação¹²⁰. Castoriadis acentua que toda grande obra filosófica é uma criação imaginária, espécie de rebento das significações particulares as quais, nada mais são, do que significações filosóficas. Essas significações filosóficas também estão inseridas num magma de significações sociais.

Os magmas são substâncias intrinsecamente ligadas ao imaginário, palavra que também necessita de mais elucidação. O imaginário, para Castoriadis, não está separado da imaginação, trata-se de algo fundante do pensamento, que institui o sentido e dá vazão ao espaço que se abre para a indeterminação do sujeito e da sociedade. Contrariamente às idéias preconcebidas, escreve Castoriadis¹²¹, a imaginação criadora desempenha um papel fundamental tanto na ciência quanto na filosofia.

Também na literatura. O cronista utiliza um fato trivial, deixa que a imaginação criadora dê formas a esse fato e, em seguida, o submete a uma espécie de lapidação, como faz Lima Barreto na crônica *Quereis encontrar marido? - aprendei!...*¹²². Esse também é o título de um livro destinado às mulheres que sonham com o casamento. É autor do livro uma senhora, Dona Diana D'Alteno, que, a seguir a regra geral, nunca encontrou o seu¹²³, ironiza o cronista. Digo isto porque, na quase-totalidade, todas as pessoas que se propõem a fornecer tal coisa ou outra a seus semelhantes não a possuem¹²⁴, completa. Para reforçar esse argumento, lembra a condição dos negromantes, dos feiticeiros, das cartomantes, dos adivinhos e outros assemelhados que prometem fortunas a terceiros, mas dificilmente a possuem. O cronista coloca nas páginas de um jornal

¹²⁰ As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem. p. 352

¹²¹ I dem.

¹²² Toda crônica. Vol. I. p. 524

¹²³ I dem.

¹²⁴ I bitem.

o que um poeta também é capaz de visualizar, como mostra Raul Machado, contemporâneo de Lima Barreto, no poema Vendedora de bilhetes de loteria¹²⁵:

Aquela mulher, de olhos tristonhos,
Que vende sortes de loteria,
Fala em riqueza, promete sonhos,
Com o "prêmio grande", que tem na mão..
E assim (contraste feito ironia!)
Numa indigência, que mal encobre,
Fala em riqueza quem é tão pobre!
Promete oiro quem não tem pão!

Tanto o poeta quanto o cronista emergem o caráter poético e sintetizam magmas de significações sociais. Num, a pretensão de alguém que escreve um livro sobre como arranjar um marido, embora não o tenha conseguido para si própria; noutro, alguém que vive à míngua, mas promete riqueza. Poeta e cronista vivem numa época na qual a mulher, por estar alijada de determinadas oportunidades profissionais e educacionais, é destinada ao casamento. Lima Barreto aproveita para denunciar que mulher não é, no nosso direito, cidadão, por isso está sempre em estado de minoridade¹²⁶, complementa, para ironizar:

Kraft-Ebbing diz, não sei onde, que a profissão da mulher é o casamento; por isso cumprimento Dona Diana D'Alteno por ter escrito o seu interessante opúsculo – Quereis encontrar marido? – Aprendei...¹²⁷

¹²⁵ REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. nº 5, setembro. Campo Grande (MS): 2004. p. 13

¹²⁶ Quereis encontrar marido? – aprendei!... Toda crônica. Vol. I. p. 526

¹²⁷ I dem.

Ao criticar a situação de inferioridade enfrentada pela mulher, Lima Barreto toca numa característica que impregna sua época, uma característica incorporada pela sociedade de então: a necessidade imposta do casamento, na qual transparece uma série de organizações lógicas dando sustentação à realidade da subjugação feminina, por uma sociedade que dá ênfase à predominância de valores notadamente masculinos. Uma sociedade onde se incorporou uma série de magmas de significações imaginárias sociais e os reproduz continuamente. Essa reprodução não é uma espécie de imagem no espelho, como elucida Castoriadis, ao falar a respeito de sua concepção de imaginário¹²⁸:

(...) Nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como 'imaginário': o 'especular', que, evidentemente, é apenas imagem de e imagem refletida, ou seja, reflexo, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (eidolon) ainda que os que utilizem o termo ignorem sua origem. O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio 'espelho', e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação ex nihilo. Aqueles que falam de 'imaginário' compreendendo por isso o 'especular', o reflexo ou o 'fictício', apenas repetem, e muito freqüentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de 'alguma coisa'. Aquilo que denominamos 'realidade' e 'racionalidade' são seus produtos.

¹²⁸ A instituição imaginária da sociedade. Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 13

Já Edgar Morin¹²⁹ acrescenta que o mito e o imaginário não representam uma simples superestrutura, e muito menos uma ilusão, mas, sim, uma profunda realidade humana. Mito e imaginário, complementa Morin, são componentes modulados pelas culturas e pelas sociedades. O imaginário, escreve Morin¹³⁰, tem a sua realidade própria. Uma realidade que também se encharca de afetividade, impedindo a existência de dois reinos separados, ou seja, um reino da objetividade, do real, e o reino da subjetividade, do imaginário. Pode até ser que exista alguma oposição entre esses dois reinos, o que não impede de se colocarem, de forma inevitável, abertos um para o outro, porque ambos são simultaneamente complementares, concorrenciais e antagonistas¹³¹, indissociáveis no espetáculo do mundo que o escritor busca colocar no papel.

A história da humanidade, na visão de Castoriadis¹³², é a própria história do imaginário humano e de suas obras. Desta forma, Castoriadis faz germinar uma inovação nos estudos do imaginário, que é o imaginário radical, o qual surge a partir do momento em que há uma coletividade humana: imaginário social instituinte que cria a instituição em geral (a forma instituição) e as instituições particulares da sociedade considerada, imaginação radical do ser humano singular.

A imaginação radical é criadora e traz para si a responsabilidade de permitir ao homem expressar-se de forma singular, tanto na arte quanto na ciência, também na sociedade. É desta forma que os magmas de significações transbordam os anseios do artista, do escritor, do cientista, aflora-os ou expeli-os com a força que todo ser humano pode trazer consigo. O próprio Estado foi

¹²⁹ Amor, poesia, sabedoria. Tradução Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 16

¹³⁰ O paradigma perdido: a natureza humana. Tradução Hermano Neves. 4. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1991. p. 128

¹³¹ Obra citada.

¹³² As encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 127

expelido dessa maneira. Para Castoriadis, o Estado é uma instituição animada por significações imaginárias. Depois de criadas, elucida¹³³, essas significações se cristalizam ou mesmo se solidificam e asseguram o chamado imaginário social instituído. Este garante a continuidade da sociedade como também a reprodução e a repetição de formas que regulam a vida dos seres humanos e permanecem o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta ou uma nova criação maciça venha transformá-las ou substituí-las radicalmente por outra. Desta forma, o desenvolvimento da sociedade decorre através de uma multiplicidade de formas organizadoras e organizadas. A sociedade instituída sempre é trabalhada pela sociedade instituinte, escreve Castoriadis¹³⁴. Sob o imaginário social estabelecido sempre corre o imaginário radical, completa.

O desenvolvimento de uma sociedade decorre através de uma multiplicidade de formas organizadoras e organizadas, essa questão está sintetizada na crônica de Lima Barreto *A questão dos telefones*¹³⁵. Publicada na Revista *Careta*, em 09/04/1921, trata das mudanças de costume que o telefone vem provocando no Rio de Janeiro, atraindo principalmente as mulheres. O cronista não tem muito apreço pelo aparelho, não gosta da forma de se comunicar das telefonistas: Se digo seis qualquer coisa, a telefonista imediatamente me corrige: meia dúzia qualquer coisa¹³⁶. Também não gosta de ser informado quando a telefonista avisa que o telefone para o qual solicita completar a chamada está em ligação. Observa que nas lojas que dispõem de telefone pessoas, principalmente mulheres, fazem fila para poder efetuar uma ligação. A maioria nada compra, mas faz a loja ficar sempre cheia, o que garante certo rendimento ao lojista com o custo da chamada.

¹³³ Obra citada, p. 130

¹³⁴ *As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado*. Tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 129

¹³⁵ Toda crônica. Vol. II. p. 344

¹³⁶ *I dem.*

Perguntei a um negociante da minha amizade:

- Que querem essas moças tanto com o telefone?

- Não sei. Há dias que é um nunca acabar... Formam uma fileira que nem em bilheteria de teatro em dia de espetáculo... Na semana passada, quase perdi um negócio urgente e do meu interesse, porque tive de esperar que mais de vinte "freguesas" dessas, dessem o seu recadinho ao aparelho... Levaram, todas, cerca de meia hora ou mais.¹³⁷

Na crônica O cedro de Teresópolis¹³⁸, Lima Barreto trata de uma questão que hoje denominaríamos de preocupação ecológica. O cronista informa do empenho que o poeta Alberto de Oliveira protagoniza na defesa de um cedro que o proprietário do terreno onde está plantada a árvore quer derrubar. O poeta argumenta que a árvore é remanescente de antigas florestas que existiram na região e viu a cidade crescer. O cronista, homem urbano que não conhece um cedro, coloca-se de imediato ao lado do poeta Alberto de Oliveira. Também lamenta a tendência que os ricos proprietários vêm adquirindo de construir casas que não abriguem mais pomares e jardins diversificados em seus quintais. Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação, escreve Lima Barreto, as casas de gente abastada têm, quando muito, um jardimzinho liliputiano de polegada e meia; e as da gente pobre não têm coisa alguma¹³⁹, completa. Com o pensamento no cedro ameaçado, o cronista vai tecendo críticas à forma como o Rio de Janeiro se expande e sepulta belas chácaras existentes em localidades como Botafogo, Tijuca, Gávea e Laranjeiras, derrubando árvores em nome de um progresso que, certamente, provocará o divórcio entre arte e natureza. Os donos dessas propriedades perderam a individualidade da escolha, lamenta o cronista, não associam à natureza as suas emoções nem esta lhes provoca meditações¹⁴⁰, afirma. Através da imaginação, esta ferramenta imprescindível a quem se dedica

¹³⁷ I bidem. p. 344-345

¹³⁸ Toda crônica. Vol. I I. p. 129

¹³⁹ I dem.

¹⁴⁰ I bidem. p. 131

ao ofício de escrever, também são contadas as mudanças comportamentais a que uma sociedade está sujeita.

A imaginação, escreve Castor Bartolomé Ruiz bebendo na fonte castoriadiana, é a dimensão humana que nunca se conseguiu controlar.¹⁴¹ Já o imaginário, na concepção desse mesmo autor, não pode existir senão imbricado na racionalidade. Pelo contrário, acrescenta, a própria racionalidade está impregnada pelo poder criador do imaginário¹⁴².

Entendamos os motivos que o levam a assim pensar (p. 51):

Assim como a razão não pode existir sem a fecundação do imaginário, este não pode concretizar-se se não por meio das determinações lógicas que a racionalidade impõe. A força criadora do imaginário só pode existir sob a forma de determinações concretas. Estas delimitações sociohistóricas constituem as denominadas significações sociais. As significações sociais são as instituições, leis, valores, normas, costumes, meios de produção, formas de propriedade, estruturas, relacionamentos, ethos culturais e sociais.

Ethos, termo grego que traz a idéia de algo que anima uma instituição, através de sentimentos ou atitudes, se encaixa na crônica A derrubada¹⁴³, texto que ficaria bem em alguma edição atual de qualquer jornal brasileiro. Mais uma vez, o cronista coloca-se contrário à derrubada de árvores e a concepções estéticas que preconizam a substituição de elementos naturais por artefatos elaborados pelo ser humano. Também critica o escritor Coelho Neto por este idealizar uma espécie de retorno à concepção de beleza da Grécia antiga. É preciso acabar com essa história da Grécia e de imaginar que os gregos tinham

¹⁴¹ Os paradoxos do imaginário. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2003. p. 51

¹⁴² RUI Z. Obra citada. P. 50

¹⁴³ Toda crônica. Vol. I. p. 133

uma única concepção da beleza e que foram belos, como os mármoreos que nos legaram¹⁴⁴, alerta. A preocupação do cronista é esta:

Mas uma coisa que ninguém vê e nota é a contínua derrubada de árvores velhas, vetustas fruteiras, plantadas há meio século, que a avidez, a ganância e a imbecilidade vão pondo abaixo com uma inconsciência lamentável.

(...)

Dentro em breve, não restarão senão uns exemplares dessas frondosas árvores, que foram plantadas mais com o pensamento nas gerações futuras, do que mesmo para atender às necessidades justas dos que lançaram as respectivas sementes à terra.

O ethos necessita da linguagem, como o cronista não pode prescindir de uma acentuada capacidade de observação para reinventar o cotidiano, de permitir que o imaginário também estenda seus tentáculos. O instrumento da linguagem é elemento indispensável no processo de socialização e de diferenciação do ser humano, em relação às demais espécies vivas existentes no planeta. A linguagem é um instrumento que dota ao indivíduo a capacidade de interiorizar e exteriorizar a realidade – ou então do que poderia parecer “realidade”. Através da linguagem, as experiências do cotidiano e a vivência histórica podem sair do âmbito do particular e se transportarem ao universal, ou vice-versa. Enfim, uma ferramenta que permitiu ao ser humano elaborar as condições de sua própria existência e de, conseqüentemente, exteriorizar suas representações sociais. Nanami Sato¹⁴⁵ ressalta que a linguagem, ao tentar representar o real, funciona como mediadora da relação dialética entre sujeito e mundo real em contínua mudança, enquanto Edgar Morin enfatiza que o espírito

¹⁴⁴ I dem.

¹⁴⁵ Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 30

humano mora na linguagem, vive de linguagem e alimenta-se de representações¹⁴⁶.

E vai mais além:

As palavras são ao mesmo tempo indicadores, que designam as coisas, e evocadores, que suscitam a representação da coisa nomeada. É nesse sentido evocador concreto que o nome tem uma potencialidade simbólica imediata: nomeando a coisa, faz surgir o seu espectro e, se o poder de evocação é forte, ressuscita, ainda que esteja ausente, a sua imagem concreta.¹⁴⁷

Na crônica *A polícia suburbana*¹⁴⁸, Lima Barreto traz à tona esse sentido evocador concreto e faz surgir o seu espectro. Trata-se de um texto curto, publicado no jornal *Correio da Noite*, edição de 28/12/1914. O cronista utiliza fatos divulgados pela imprensa que informam haver um delegado-inspetor visitado, durante uma noite, algumas delegacias de subúrbio, encontrando comissários a dormir e soldados a sonhar¹⁴⁹. O delegado-inspetor chega mesmo a surrupiar alguns objetos das delegacias para mostrar o descaso dos subordinados. O cronista diz, com bom humor, que se comissários e soldados dormem, fazem muito bem. Ele, que é morador suburbano há muitos anos, não vê necessidade de implantação de um aparelho policial custoso nos arrabaldes, à noite, para prender algum eventual ladrão de galinha ou de roupas estendidas nos varais. Um aparelho assim poderia perturbar a ele, notívago, ou algum pobre-diabo que busca dormida nas redondezas, o que não seria muito proveitoso para a lei e o Estado. Os policiais suburbanos têm toda a razão, aponta o cronista,

¹⁴⁶ O método III. p. 171.

¹⁴⁷ I dem.

¹⁴⁸ Toda crônica. Vol. I. p. 130

¹⁴⁹ I dem.

devem continuar a dormir, graceja. Eles, aos poucos, graças ao calejamento do ofício, se convenceram de que a polícia é inútil¹⁵⁰, finaliza.

Assim o ethos expressa o poético e os magmas de significações sociais justapõem as camadas que integram a instituição imaginária da sociedade. Essa é uma das particularidades que diferenciam o ser humano dos outros seres vivos. A capacidade de nomear a coisa e fazer surgir o espectro dessa coisa, de trazer em si a imaginação radical, a qual, nada mais nada menos, permite que as representações sejam dotadas de um fluxo incontável e espontâneo, também criador. O imaginário é um sangradouro que estrutura a vida social e no qual escoam as sociedades e as instituições, com suas peculiaridades no fazer moral, político, filosófico, artístico. Enfim, a sociedade é autocriação, por conceber suas leis e suas formas institucionais, com sua linguagem e seus costumes.

No entender de Castoriadis, nas coletividades humanas existe uma potência de criação, algo que a institui, a qual ele denomina de imaginário social instituinte, que nada mais seria:

O reconhecimento do fato fundamental de que não se pode 'explicar' o nascimento da sociedade nem as evoluções da história através de fatores naturais, biológicos ou outros, ou através de uma atividade 'racional' (o homem). Constata-se na história, desde a origem, a emergência do novo radical e, se não se quer fazer uso de fatores transcendentais para dar conta disso, é necessário postular uma potência de criação, uma *vis formandi*, imanente às coletividades humanas, como aos seres humanos singulares.¹⁵¹

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ As encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável. Obra citada. P. 128-129

Essa potência de criação, essa vis formandi, imanente às coletividades humanas movimenta engrenagens cuja combustão provoca as faíscas que a literatura e o jornalismo lançam, feito rojões. Manipulados e manipuladores do imaginário, nesse laboratório vivo que tantos interesses provocam nas ciências sociais, literatura e jornalismo se movimentam de uma forma que nos dota de um doloroso sentimento de consciência diante de nossos encontros com os ditames da vida. Ditames que o jornalismo arroja e traz para si a atenção do escritor, para fazê-lo mergulhar na imaginação e mostrar que um amontoado de páginas escritas pode não se resumir em meros exercícios de estilo. Pode perpassar as linhas do imaginário. E, ao fazer isso, jornalismo e literatura trazem das profundezas a sociedade e suas dores, suas conquistas e fracassos, lembrando e traçando seu devir. Por que e como isso ocorreria?

Refletamos sobre o que diz Marilena Chauí¹⁵²:

Muitas vezes, lendo um romance ou vendo um filme, compreendemos e conhecemos muito melhor uma realidade do que se apenas lêssemos livros científicos ou jornais. Por quê? Porque o artista, pela imaginação, capta o essencial e reúne o que estava disperso na realidade, fazendo-nos compreender o sentido profundo e invisível de alguma coisa ou de alguma situação. O artista nos mostra o inusitado, o excepcional, o exemplar ou o impossível por meio dos quais nossa realidade ganha sentido e pode ser mais bem conhecida.

A literatura nos permite captar esse sentido profundo e invisível de alguma coisa ou de alguma situação, desempenha um papel fundamental, no dizer de Morin, porque o conhecimento da condição humana não se resume às ciências,

¹⁵² Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2003. p. 146-147.

contrariamente ao que se diz, acrescenta. Continuemos com Morin: O romance refere-se à condição humana, que as ciências sociais nunca conseguem enxergar; fala de nossas vidas, paixões, emoções, sofrimentos, alegrias, das relações com o outro e com a História.¹⁵³ Captar o essencial e reunir o que se encontra disperso na realidade, fazendo-nos compreender o sentido profundo e invisível de alguma coisa ou alguma situação, é uma das particularidades da literatura. Embora diferentemente, o jornalismo reúne condições de se captar o que se encontra disperso na realidade, trazendo ao leitor a condição do efêmero, a singularidade do cotidiano, ao passo que a literatura, a começar pela diferença do livro em relação ao jornal, se faz perene. Se o escritor é capaz de utilizar as palavras como bem lhe aprouver, exteriorizando magmas de significações, o jornalista não pode se perder na multidão e nem nos longes urbanos. Precisa colocar o dia-a-dia, não na bandeja reluzente do escritor, mas no prato muitas vezes gasto consumido diariamente por quem vive sequioso pelas novidades do mundo – e delas não é capaz de prescindir.

Mesmo que jornalismo e literatura se bifurquem em alguns pontos, criem afluentes que originem áreas que lhes são próprias, impossível esquecer suas ligações. Ninguém melhor do que Lima Barreto captou o essencial de sua época, reuniu o que estava disperso na realidade e fez-nos compreender o sentido profundo e invisível de alguma coisa ou de alguma situação. A sociedade que se movimenta diante de seus olhos é levada para suas obras de ficção e para suas crônicas, mas nunca é demais lembrar que a obra do escritor não é mera imagem de, como alerta Castoriadis¹⁵⁴, mas criação incessante e essencialmente social-histórica e psíquica. Nesse processo estão as exigências da sociedade e a forma como o indivíduo se submete a elas. E, ao submeter-se, impõe a si próprio exigências que podem até extravasá-lo, reduzi-lo, atordoá-lo, levá-lo a atos

¹⁵³ Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (orgs.). Tradução Edgard de Assis Carvalho. 3. ed.. São Paulo: Cortez, 2005. p. 90-91

¹⁵⁴ A instituição imaginária da sociedade. Obra citada, p. 13

extremos. Ser, enfim, derrotado por um magma de significações. Floc, o jornalista derrotado pelo imperativo da urgência da redação, que o diga.

Como Floc, incontável número de jornalistas passa por esse atordoamento diário, muitos também sendo derrotados pelo imperativo da urgência, um imperativo que origina, entre outros problemas, o da superficialidade e das falhas gramaticais que teimam em aparecer, apesar dos esforços dos profissionais em revisão para erradicá-los. A notícia é um produto que, da mesma forma que o pão comprado diariamente, necessita estar com todo o frescor que se exige ou se espera, não importa a época, pode ser o início do Século XX observado por Lima Barreto ou os dias atuais. A leitura dos jornais é utilíssima, aponta Lima Barreto na crônica *Leitura de jornais*¹⁵⁵. O jornalista cartografa o dia-a-dia, destrincha-o para o leitor sequioso da realidade; o escritor pereniza fatos ocorridos nesse mesmo dia-a-dia, leva-os para um leitor que não se satisfaz apenas com o desenrolar do cotidiano, mas com a própria condição humana e a necessidade de se entender os mecanismos que movem uma sociedade e as razões desse movimento, como tão bem sintetiza o cronista. Tudo que aparece a uma sociedade, tudo o que lhe sucede, deve significar alguma coisa para ela¹⁵⁶, escreve Castoriadis. Tanto significa que pode se transformar em crônica, fator descrito por Eça de Queirós da seguinte forma:

Um modo de apreender, pensar e representar a sociedade de seu tempo, aos bocados, se exercita e depura. Assim é que fatos políticos e do cotidiano, acontecimentos e questões de política nacional e internacional, retratos de personalidades, anedotas espreiadas, tudo se vê drenado e selecionado com a liberdade que ainda hoje marca o trabalho do cronista.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Toda crônica. Vol. II. p. 339

¹⁵⁶ As encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem II. Obra citada. p. 241

¹⁵⁷ Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no Século XIX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 21

O trabalho do cronista, esse intermediário entre o escritor e o jornalista, drena e seleciona as marcas de uma determinada época e as pereniza, algumas vezes, como faz Lima Barreto, escritor/jornalista cuja obra é indispensável a quem se propõe estudar o Brasil da Primeira República. Ao saber de sua vida, que não foi fácil, com as barreiras do preconceito racial, do alcoolismo, da falta de reconhecimento literário, dos poucos rendimentos e da loucura que marcou a luta pela sobrevivência, pode-se cair na armadilha de que se tratava de alguém de perene amargura. Ledo engano. Era um homem que, certas manhãs, ao tomar o bonde para o centro da cidade – naquelas manhãs em que, no dizer do poeta, um arcanjo se levanta de dentro de nós, como frisa na crônica *Tenho esperança que...*¹⁵⁸ – trazia nos ombros o peso da humanidade, fardo que todo escritor que envereda pela literatura universal é obrigado a carregar. Nessa crônica seu olhar se estende à educação e à falta de vontade política em ver resolvidos os problemas desse setor. Ao observar, durante o trajeto, algumas escolas públicas é tomado por um sentimento de ternura; também se sente arrebatado, como Carlos Drummond de Andrade seria décadas mais tarde, pelo desejo de ser pai. Drummond o foi, de uma menina, Maria Julieta, embora tenha lamentado grande parte da vida pelo filho que não fiz / hoje seria homem. / Ele corre na brisa, / sem carne, sem nome¹⁵⁹. Lima Barreto não tem a mesma atitude de Brás Cubas, personagem de Machado de Assis:

Em algumas, ainda surpreendo as crianças entrando e se espalhando pelos jardins à espera do começo das aulas; em outras, porém, elas já estão abancadas e debruçadas sobre aqueles livros que meus olhos não mais folhearão, nem mesmo para seguir as lições de meus filhos. Brás

¹⁵⁸ Toda crônica. Vol. I. p. 355

¹⁵⁹ MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel. Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond: fotobiografias. Rio de Janeiro: Aluimbramento/Livroarte, 2000. p. 391

Cubas não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria; eu, porém, a transmitiria de bom grado.¹⁶⁰

Os filhos de Lima Barreto correm na brisa, sem carne, sem nome. Quanto a ele, trata-se de um jornalista e um escritor; enfim um autor, como define Michel Foucault:

O autor é igualmente o princípio de uma certa unidade de escrita, pelo que todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. O autor é ainda aquilo que permite ultrapassar as contradições que podem manifestar-se numa série de textos: deve haver – a um certo nível do seu pensamento e do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente – um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis encaixam finalmente uns nos outros ou se organizam em torno de uma contradição fundamental ou originária. Em suma, o autor é uma espécie de foco de expressão.¹⁶¹

Lima Barreto, esse foco de expressão, tem irradiado a alma brasileira, contribuído para que tenhamos uma literatura nacional e um jornalismo cujas buscas possibilitem não ficar imerso no poço da superficialidade. Sua obra é marcada por magmas de significações sociais que nos ajudam a entender e superar a nossa própria realidade. Esse é o desafio, um desafio imerso num coração profundo que se assemelha ao interior de uma igreja e, ao menor ruído, se faz o silêncio de uma voz imensa.¹⁶² É a voz de Lima Barreto ecoando Brasil afora.

¹⁶⁰ Toda crônica. Vol. I. p. 355

¹⁶¹ O que é um autor. Tradução António Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. 3. ed. Portugal: Passagens, 1992. p. 53

¹⁶² Versão livre de: Mon coeur profond ressemble à ces voûtes d'église
Ou le moindre bruit s'enfle en une immense voix

Estação V Conversa com Lima Barreto





Crítico ferrenho da literatura se destinar apenas às classes mais favorecidas economicamente da sociedade, o escritor Lima Barreto tem sido criticado pela sua forma de escrever, muito diferente de outros de seus pares, principalmente do Rio de Janeiro. Para ele, a literatura deve ser acessível a todos, sem distinção. Veemente na defesa do que acredita ser correto, tem colhido achincalhes, críticas mordazes, perdido oportunidades de empregos e danificado

a saúde. Mesmo sem ter conseguido ingressar na Academia Brasileira de Letras, apesar de duas tentativas e uma desistência que seria a terceira, Lima Barreto é um dos mais importantes escritores brasileiros. Encontramo-lo, para esta entrevista, numa mesa do Café Java, local dos mais freqüentados pela intelectualidade carioca, no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Repórter – Em alguns momentos, os seus escritos são puro protesto. É protesto contra os descaminhos da República, contra arbitrariedades da polícia, favorecimentos da municipalidade, contra o fazer literário do Sr. Coelho Neto, enfim protesto. Por quê?

Lima Barreto – Eu não me canso nunca de protestar. Minha vida há de ser um protesto contra todas as injustiças.

Repórter – A resposta curta é um protesto contra a pergunta?

Lima Barreto – Eu fico aqui sempre com os meus protestos¹⁶³.

Repórter – Falemos de literatura, como o Sr. vê as nossas obras literárias?

¹⁶³ BARRETO, Lima. *Padres e frades*. In: *Toda crônica*. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Volume I. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 326

Lima Barreto – Faltam nas obras brasileiras as características das literaturas ricas: autonomia, independência de pensamento e variedade de execução. Então, em verso, é uma lástima! quem sai fora dos moldes, leva pedradas. O poeta novo é tanto melhor quanto mais bem pasticha o passado. É o critério da academia...¹⁶⁴

Repórter – O Sr. é um escritor engajado. Está sempre pronto a defender, em seus escritos, aquilo que julga adequado. Seria essa a missão da literatura?

Lima Barreto – A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos. Os que sabiam alguma cousa de letras e tal faziam, eram os histriões; e estes nunca se sentaram nas sociedades sábias...¹⁶⁵

Repórter – Mas no jornalismo brasileiro alguns desses histriões têm assento.

Lima Barreto – O mais curioso, neste nosso jornalismo moderno, é que, como muitas de todas as outras coisas da nossa atividade mental, sejam chamados a falar de certos assuntos homens que não tiveram a educação e a instrução para isto, mas que, simplesmente com uma instrução de meros guarda-livros e auxílio do dinheiro de argentários, se arrogam o direito de falar sobre questões sociais e políticas. O Brasil, como todo o mundo, precisa ficar livre desses maus pastores, e todo o esforço que se fizer para isso terá todo o apoio dos homens independentes.¹⁶⁶

¹⁶⁴ O meu conselho. Toda crônica. Vol. II. p. 428

¹⁶⁵ Histrião ou literato. Toda crônica. Vol. I. p. 319

¹⁶⁶ Ao Caio M. de Barros. Toda crônica. Vol. I. p. 281

Repórter - O Sr. leva a crítica ao jornalismo à literatura, com o romance Recordações do escrivão Isaías Caminha, ao fazer uma caricatura de figuras proeminentes das redações cariocas, levando-as inclusive ao ridículo, como também o diário Correio da Manhã. Tem-se a impressão de que o seu objetivo, com essas críticas, também seria de chamar atenção para a obra.

Lima Barreto - Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura. Não sei se o processo é decente, mas foi aquele que me surgiu para lutar contra a indiferença, a má vontade dos nossos mandarins literários.¹⁶⁷

Repórter - O Sr. tem criticado as tentativas do governo para equilibrar as finanças do país, as quais aliam aumento de impostos com dispensa de funcionários públicos. Poderia explicar isso melhor?

Lima Barreto - A nossa burguesa finança governamental só conhece dous remédios para equilibrar os orçamentos: aumentar impostos e cortar lugares de amanuenses e serventes. Fora desses dous paliativos, ela não tem mais beberagem de feiticeiro para curar a crônica moléstia do déficit.

Essa pesada massa de impostos, geralmente sobre gêneros de primeira necessidade, devendo ser democraticamente igual para todos, vem verdadeiramente recair sobre os pobres, isto é, sobre a quase-totalidade da população brasileira, que é de necessitados e pobríssimos, de forma que as taxas dos Colberts da nossa representação parlamentar conseguem esta coisa maravilhosa, com as suas medidas financeiras: arranham superficialmente os ricos e apunham mortalmente os pobres.

¹⁶⁷ Correspondência. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 238. Tomo I [Carta a Esmaragdo de Freitas, 15/10/1911]

Desde que o governo da República ficou entregue à voracidade dos políticos de São Paulo, observo que o seu desenvolvimento econômico é guiado pela seguinte lei: tornar mais ricos os ricos; e fazer mais pobres os pobres.¹⁶⁸

Repórter - Por que São Paulo?

Lima Barreto - Eu me explico. Os políticos, os jornalistas e mais engrossadores das vaidades paulistas não cessam de berrar que a capital de São Paulo é uma cidade européia; e é bem de ver que uma cidade européia que se preza não pode deixar de oferecer aos forasteiros o espetáculo de miséria mais profunda em uma parte da população.¹⁶⁹

Repórter - Em seus escritos, o senhor chega a brincar com a palavra loucura e, algumas vezes, até mesmo a se declarar louco. O que seria a loucura, em sua visão?

Lima Barreto - É assim como uma sepultura em vida, um semi-enterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. A saúde não depende dela e há muitos que parecem até adquirir mais força de vida, prolongar a existência, quando ela se evola não se sabe por que orifício do corpo e para onde...¹⁷⁰

Repórter - Como assim?

Lima Barreto - Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável da nossa própria natureza, fica amedrontado, sentindo que o germe daquilo está depositado em nós e que por qualquer coisa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais

¹⁶⁸ No ajuste de contas. Idem. p. 336-337

¹⁶⁹ Ibid. p. 337

¹⁷⁰ Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Jornal O Globo/Click Editora, 1997. p. 58

semelhantes; o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após.¹⁷¹

Repórter – O mistério da loucura...

Lima Barreto – O angustioso mistério que ela encerra, feito não sei de que inexplicável fuga do espírito daquilo que se supõe o real para se apossar e viver das aparências das coisas ou de outras aparências das mesmas.¹⁷² Enfim, a loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos, os amigos, os melhores.¹⁷³



Imagem 9 – O Café Java, no centro do Rio de Janeiro, era local de encontro da intelectualidade carioca

Repórter – Alguns, na cidade, o chamam de louco e de escritor pouco cuidadoso com o vernáculo...

Lima Barreto – Não me aborreceria com essas considerações a meu respeito se elas não envolvessem duas cousas: a loucura e a calúnia à literatura.¹⁷⁴

Repórter – Tais conside-rações a seu respeito de-nunciariam, então, uma cri-tica à sua postura literária, ou mesmo uma censura?

¹⁷¹ Obra citada. p. 58

¹⁷² Op. cit. p. 58

¹⁷³ Idem. p. 59

¹⁷⁴ Quem será afinal? Toda crônica. Vol. I. p. 451

Lima Barreto – Compre-endo perfeitamente esse estado de espírito policial ou costumeiro, à vista da carestia da vida e da necessidade em que está o literato que ter fama de não dizer nada, andar bem-vestido e fazer parte da corte de algum Cunhambemba político. Não sou desse figurino e sei que irrita os altos espíritos dos manequins intelectuais, quando me vêem o nome com qualquer apelido literário.¹⁷⁵

Repórter – Como suportar, então, críticas destrutivas?

Lima Barreto – Tente e não se importe com a Academia e outras consagrações, rompa com elas; não se incomode que os “delambidos” e doutores literários condenem as suas peças, por não serem comédia, nem drama, nem tragédia, nem lá o que eles entendem, segundo os velhos cânones literários. Alargue os quadros, misture uns com outros gêneros, mas, sem esquecer o seu postulado, de modo que contente o público e faça cousa de pensamento e renda.¹⁷⁶

Repórter – Pensamento e renda nos lembra, de alguma forma, questões políticas. Por falar nisso, como o Sr. vê a política no nosso país?

Lima Barreto – Não gosto, nem trato de política. Não há assunto que mais me repugne do que aquilo que se chama habitualmente política. Eu a encaro, como todo o povo a vê, isto é, um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados que exploram a desgraça e a miséria dos humildes. Nunca quereria tratar de semelhante assunto, mas a minha obrigação de escritor leva-me a dizer alguma coisa a respeito, a fim de que não pareça que há medo em dar, sobre a questão, qualquer opinião.¹⁷⁷

Repórter – Mas a política não é algo essencial ao nosso progresso?

¹⁷⁵ Idem. p. 450

¹⁷⁶ Sobre o nosso teatro. Toda crônica. Vol. I. p. 479

¹⁷⁷ A política republicana. Toda crônica. Vol. I. p. 392

Lima Barreto – A política não é aí uma grande cogitação de guiar os nossos destinos: porém uma vulgar especulação de cargos e propinas.¹⁷⁸ A política resume-se num descarregar de atas falsas, na expressão de um profissional, ou numa discurseira vazia de inteligência mas cheia de palavrões e sentenças acacias.¹⁷⁹

Repórter – Se muito político é vazio de inteligência, como consegue se sobressair?

Lima Barreto – Convém que o seu nome saia nos jornais, para isso deve cultivar a amizade dos jornalistas de todas as opiniões do momento, desde os famosos até o mais obscuro. Procure mesmo que os rapazes dos jornais o trocem.¹⁸⁰

Repórter – A política do Império se assemelha à da República?

Lima Barreto – No império, apesar de tudo, ela tinha alguma grandeza e beleza. As fórmulas eram mais ou menos respeitadas; os homens tinham elevação moral e mesmo, em alguns, havia desinteresse. Não é mentira isto, tanto assim que muitos que passaram pelas maiores posições morreram pobríssimos e a sua descendência só tem de fortuna o nome que recebeu.¹⁸¹

Repórter – E a República?

Lima Barreto – A república, porém, trazendo à tona dos poderes públicos a borra do Brasil, transformou completamente os nossos costumes administrativos e todos os “arrivistas” se fizeram políticos para enriquecer.

Repórter – O Sr. não está sendo muito duro com a República?

Lima Barreto – A república no Brasil é o regímen da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela praga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia.

¹⁷⁸ Os bruzundangas. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006. p. 71

¹⁷⁹ Vendo a Brigada Stegomya. Toda crônica. Vol. I. p. 62

¹⁸⁰ Procurem a sua Josefina. Toda crônica. Vol. I. p. 440

¹⁸¹ A política republicana. Toda crônica. Vol. I. p. 392

Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele ministério e os empreguinhos que os mediócras não sabem conquistar por si e com independência.¹⁸²

Repórter – Mesmo sem gostar muito dessa definição, o Sr. é um intelectual. Nessa condição, como têm sido as suas relações com o cidadão comum?

Lima Barreto – Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada Real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro. Moro há mais de dez anos naquelas paragens e não sei por que os humildes e os pobres têm-me na conta de pessoa importante, poderosa, capaz de arranjar empregos e solver dificuldades.¹⁸³

Repórter – Arranjar emprego, o Sr.?

Lima Barreto – Pergunta-me um se deve assentar praça na brigada, pois há oito meses não trabalha no seu ofício de carpinteiro; pergunta-me outro se deve votar no Senhor Fulano; e, às vezes mesmo, consultam-me sobre casos embaraçosos.¹⁸⁴

Repórter – Que tipo de casos?

Lima Barreto – Houve um matador de porcos que pediu a minha opinião sobre esse caso curioso: se devia aceitar dez mil-réis para matar o cevado do Capitão M., o que lhe dava trabalho por três dias, com a salga e o fabrico de linguiças; ou se devia comprar o canastra por cinquenta mil-réis e revendê-lo aos quilos pela redondeza.¹⁸⁵

Repórter – E aí...

¹⁸² Obra citada. p. 392

¹⁸³ O “muambeiro”. Toda crônica. Volume I. p. 224

¹⁸⁴ Obra citada. p. 224

¹⁸⁵ Op. cit. p. 224

Lima Barreto – Eu, que nunca fui versado em coisas de matadouro, olhei os órgãos ainda fumarentos nestas manhãs de cerração e pensei que o meu destino era ser vigário de uma pequena freguesia.¹⁸⁶

Repórter – Bem, numa pequena freguesia talvez nem se precise de engenheiros. Ao invés de quase vigário, o Sr. foi quase engenheiro. Por que não concluiu o curso de engenharia?

Lima Barreto – Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso. Aquela atmosfera da escola superior não me agradava nos meus dezesseis anos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho. Todos os meus colegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava, se não me asfixiava.¹⁸⁷

Repórter – Isso o desestimulou!

Lima Barreto – Fui perdendo o estímulo; mas a autoridade moral de meu pai, que me queria ver formado, me obrigava a ir tentando... Conjugados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teoria das áreas... Que sei eu mais? Nada!... Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pai, tanto mais que, a bem dizer, até aí, não tinha sido reprovado.¹⁸⁸

Repórter – O Sr. tem feito declarações de que a arte deve ser acessível a todos. Poderia explicar isso melhor?

Lima Barreto – Domina nos grandes jornais e revistas elegantes da província, a opinião de que a arte, sobretudo a de escrever, só se deve ocupar com a gente rica e chique, que os humildes, os médios, os desgraçados, os feios, os infelizes não merecem atenção do artista e tratar deles degrada a arte. De algum modo,

¹⁸⁶ Idem. p. 224

¹⁸⁷ Henrique Rocha. Toda crônica. Volume I. Obra citada. p. 516

¹⁸⁸ Idem. p. 516

tais estetas obedecem àquela regra da poética clássica, quando exigia, para personagens da tragédia, a condição de pessoas reais e principais.¹⁸⁹

Repórter – E quanto à crítica, como o Sr. convive com ela?

Lima Barreto – Sou um escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente. Sendo assim, só admito críticas a meus livros e aos meus escritos senão aquelas provindas de escritores que como eu não dispõem de força, nem de chanfalho.¹⁹⁰ Uma vez ainda declaro que, fazendo literatura, não espero fortuna, nem empregos; e não se incomodem com o meu esbodegado vestuário, porque ele é a minha elegância e a minha pose.¹⁹¹ A minha vida é limpa, apesar de ter sofrido as maiores dificuldades e também grandes tentações...¹⁹²

¹⁸⁹ Os Bruzundangas. Obra citada. p. 92

¹⁹⁰ A Maçã e a polícia. Toda crônica. Vol. II. p. 510

¹⁹¹ Quem será, afinal? Toda crônica. Vol. II. p. 453

¹⁹² I dem. p. 452

Estação VI

Guias bibliográficos



- ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. Tradução Fábio M. Alberti. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- AMARAL, Luis. Jornalismo: matéria de primeira página. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE, 1982.
- AMARAL, Luis. Técnica de jornal e periódico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFCE, 1982.
- ASSIS, Machado de. Quincas Borba. São Paulo: Globo, 1997.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do devaneio. Tradução Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAHIA, Juarez. Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BALZAC, Honoré de. Ilusões perdidas. Tradução Ernesto Pelanda, Mário Quintana; nota introdutória Paulo Rónai. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- BALZAC, Honoré de. Os jornalistas. Tradução João Domenech. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.
- BARRETO, Lima. Clara dos Anjos e outras histórias. 17. ed.. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BARRETO, Lima. Correspondência. São Paulo: Brasiliense, 1956. Tomo I.
- BARRETO, Lima. Os bruzundangas. Rio de Janeiro/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006.
- BARRETO, Lima. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.
- BARRETO, Lima. Toda Crônica. Apresentação e notas Beatriz Resende, organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. [volumes I e II]
- BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: O Globo/Klick Editora, 1997.
- BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. [Obras escolhidas; v. 1]
- BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

- BUENO, Eduardo. Brasil: uma história – a incrível saga de um país. São Paulo: Ática, 2003.
- CABRAL, Sérgio. A MPB na era do rádio. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- CANDIDO, Antonio et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações. Campinas (SP): Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Enigmas da cultura. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. 5. ed. Tradução Guy Reynaud, revisão técnica Luís Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem. Tradução José Oscar de Almeida Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado. Tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2003.
- FARACO, Carlos. Lima Barreto: uma literatura afiada. In: BARRETO, Lima. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Ática, 1997.
- FRANCO, Yago. Magma: Cornelius Castoriadis – psicanálisis, filosofia, política. Buenos Aires: Biblos, 2003.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. 3. ed. Tradução António Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Portugal: Passagens, 1992.
- GALENO, Alex. Antonin Artaud: a revolta de um anjo terrível. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- LEPENIES, Wolf. As três culturas. Tradução Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.
- LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. Tradução Leandro Konder. In: Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- LUKÁCS, Georg. Balzac: Les illusions perdues. Tradução Luís Fernando Cardoso. In: Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

- MADRUGA, Woden. O arquivo de Lima Barreto. In: JORNAL TRIBUNA DO NORTE, 29/10/2006. Natal: Tribuna do Norte, 2006. p. 2
- MAUPASSANT, Guy de. Bel-ami. Tradução Clóvis Ramalhete. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.
- MELO, José Marques de. Estudos de jornalismo comparado. São Paulo: Pioneira, 1972.
- MINÉ, Elza. Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- MONTEIRO, Salvador; KAZ, Leonel. Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond: fotobiografias. Rio de Janeiro: Alumbramento/Livroarte, 2000.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. Tradução Eloá Jacobina. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MORIN, Edgar. Amor, poesia, sabedoria. Tradução Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (orgs.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MORIN, Edgar. O método III: o conhecimento do conhecimento. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MORIN, Edgar. O paradigma perdido: a natureza humana. Tradução Hermano Neves. 4. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.
- MORIN, Edgar. Sociologia: a sociologia do microsocial ao macroplanetário. Tradução Maria Gabriela de Bragança, Maria da Conceição Coelho. Portugal: Publicações Europa-América, 1998.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira. Belo Horizonte: I tatiãia; São Paulo: EdUSP, 1988.
- PRADO, Antonio Arnoni. Trincheira, palco e letras. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- RAMONET, Ignacio. A tirania da comunicação. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS. nº 5, setembro. Campo Grande (MS): 2004. p. 13
- RUIZ, Oscar Bartolomé. Os paradoxos do imaginário. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2003.

SATO, Nanani. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. Tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SNOW, C. P. As duas culturas e uma segunda leitura. Tradução Geraldo Gerson de Souza, Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Edusp, 1995.

TELLES, Edward. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações. Campinas (SP): Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Documento eletrônico

<http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj29.htm> acessado em 12.02.07, às 23h58